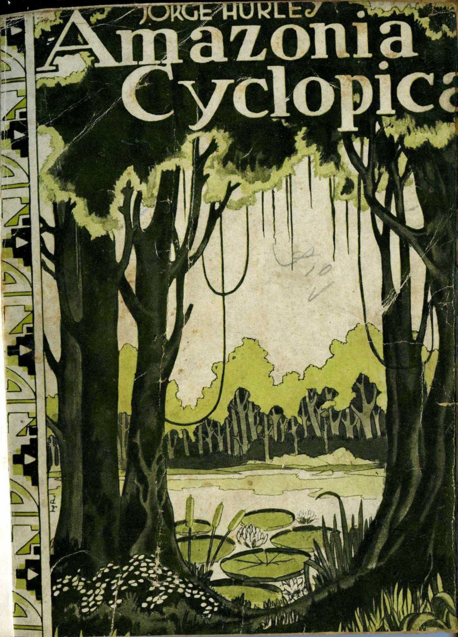

JORGE HURLEY
Amazonia
Cyclopica

Ao illustre geographo Dr. Agnello Bittencourt
dedico este exemplar do meu livro

Agradecido em carta
de 11-6-1931.
A. B.

A AMAZONIA CYCLOPICA

Belém 15/4/931

Jorge Hurley

Residencia: Av. Assis de Vasconcellos 4..
Belém - Pará.

Obras
do mesmo autor:

PUBLICADAS:

O Christo no Jury em Marapanim — (Discurso)

Nos Sertões do Gurupy — (esgotada)

NO PRELO:

Rio Gurupy — Estudo chorographico e ethnographico desse rio, accrescido do vocabulario tembé, dos seus selvagens, e do mappa geographico do rio, abrangendo na descripção as margens maranhense e paraense.

Confiado á "Revista do Museu Paulista".

Visões do Oyapoc — (1.ª parte) Estudo dessa riquissima região limitrophe com a Guyana Francêza.

Confiado á "Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia".

A PUBLICAR:

Prehistoria Americana.

Biblia das Ruinas — Cosmogonias americanas

Migrações Selvagens na America do Sul.

Itarânas.

J O R G E   H U R L E Y

A AMAZONIA CYCLOPICA



A. COELHO BRANCO F.º (EDITOR)
RUA DO LAVRADIO N. 60 — 1.º ANDAR

RIO DE JANEIRO
1931

Composto e impresso nas Officinas Graphicas ALBA — Rua Lavradio, 60 — Rio

Ao Rio Grande do Norte,
Terra querida de meu
nascimento, e ao Pará,
taba generosa e fecunda
em que vivo, registo, nesta
pagina, as homenagens sin-
céras de minha gratidão.

Pará, Curuçá, Julho 1930

Jorge Hurley

Á immorredoira memoria
dos meus queridos paes
Henry George Hurley e
Maria de Oliveira Hurley,
fallecidos no Rio Grande
do Norte, dedico este livro.

Pará, Curuçá, Janeiro de 1930

Henrique Jorge Hurley

A' Exma. D. Yayá Oliveira, minha madrinha e mãe de criação, residente em Natal, Rio Grande do Norte, offereço e consagro este livro.

Pará, Curuçá, Julho 1930

Jorge Hurley

SEM PREFACIO

Foi o "A AMAZONIA CYCLOPICA" *que me abriu as portas da Academia Paráense de Letras onde, amparado pela bondade humana, fui recebido em sessão magna a 19 de Novembro de 1928, no Theatro da Paz, em Belém do Pará, pelos academicos Heliodoro de Brito, Presidente, Amazonas de Figueiredo, Severino Silva, Acylino de Leão, Remigio Fernandez, Olavo Nunes, Manoel Lobato, Dejard de Mendonça, Alfredo Lamartine e Martinho Pinto, que foi o grande orador da festa.*

Nessa noite memoravel, para mim, houve a consagração do "A AMAZONIA CYCLOPICA", *pela elite paráense, na Academia Paráense de Letras, e isto só, ao meu vêr, vale mais que um prefacio.*

Pará, Curuçá, 27 de Janeiro de 1930.

HENRIQUE JORGE HURLEY.

A AMAZONIA CYCLOPICA

O enigma lavrado na magestosa Pedra de Chavin, diz-me a conclusão logica a que cheguei, significa o esboço cyclopico do mappa do rio Amazonas, tal qual o homem pré-incaoára o percebia.

Nesse symbolo magnifico, encontra-se a primeira imagem allegorica do Rei dos rios, que era adorado como um Deus, prodigo e fecundo.

As minhas primeiras pesquisas, no assumpto, apuradas num religioso recolhimento intellectual, levaram-me a suppor que esse elegante e exotico monumento de arte americana, encontrado no valle do Maranhão (alto Amazonas), no Perú, tivesse a mesma funcção da Roseta Egypcia, que o genio de Napoleão Bonaparte soergueu do pó pelo cerebro de Chapollion.

O confronto analytico desses dois documentos petreos apagou, porém, de meu espirito, aquella infundada e assaz literaria conjectura: decidida-

mente, affirmo, não ha entre elles a menor paridade: seus fins são radicalmente oppostos.

Accresce ainda a circumstancia de que elles se distanciam, de muitos seculos, nas trevas do Tempo, pela pré-historia a dentro.

Acredito que a Pedra de Chavin é muito mais remota do que os mais antigos monumentos cyclopicos da Asia.

As ruinas de Huántar, de onde os incas retiraram a Pedra de Chavin, para ornamentar uma fortificação no valle do Maranhão, são contemporaneas das de Tiahuanaco, ou de idade proximamente posterior e ambas attestam a passagem fecunda, intelligente, e brilhante duma civilização americana (peruana) extincta, muito mais velha que a dos egypcios, das mumias e das pyramides.

Bartholomeu Mitre é parcimonioso, no tempo, quando attribue a 12.000 annos a florescencia da civilização barbara de Tiahuanaco.

Eu a julgo muito mais distante dos nossos dias.

E' possivel que mais de 15.000 annos a afastem da éra em que famosos lendologos, com Moysés á prôa, collocam o apparecimento do patriarcha Abraham.

Firmada, desse modo, a idade das ruinas de Pucára de Chavin, cabe-me, agora, demonstrar a minha supposição archeologica sobre o que sym-

boliza a Pedra de Chavin. Clements R. Markham, excellente reconstructor da verdadeira pré-historia perú-amazonica, no seu famoso livro "Los Incas del Perú", estudando a Pedra de Chavin, conclue pela analogia absoluta entre a figura da deidade que ella symboliza e a que se encontra gravada na Portada Monolithica de Tiahuanaco.

Foi, esse interessante testemunho vivo de arte peruana, descoberto em 1840 em Chavin de Huántar, no alto Amazonas, entre os depojos incaoáras, conhecidos sob o nome de Pucára de Chavin.

Diz Markham (obra cit. pag. 30) : "La piedra se habia desprendido de lo alto de las ruinas, lo que no prueba que fuera contemporánea de las mismas, probablemente, en remotos tiempos, formó parte de un edificio mucho más antiguo y sirvió más tarde de adorno en la reciente fortaleza incaica".

A Pedra de Chavin é de diorito e tem as seguintes proporções: um metro e noventa e cinco centimetros de altura; dois pés de largura e quatro pollegadas de grossura.

Está inteiramente lavrada, de ponta a ponta.

Os motivos de que se inspiraram os artistas cyclopicos, na ornamentação da Portada de Tiahuanaco, foram cabeças de peixes e de passaros da fauna americana; os adornos, expressivos, da Pedra de Chavin são perfeitas serpentes que enlaçam,

pelo tronco, a figura principal, nos flancos, tendo a ponta das caudas ligeiramente em curva symetrica, contando-se de cada lado oito grandes cobras, cujas cabeças descançam sobre as respectivas caudas, que se recurvam, arredondando, para baixo.

A cabeça da figura central é quadrada, lembrando o estylo egypcio.

A figura principal empunha dois sceptros, caprichosamente lavrados, terminando em lança triplice; um á direita e outro á esquerda, como que indicando dois pontos cardeaes: E e O.

Ha, no centro dos sceptros, emmoldurados em parallelogrammos, uma inscripção hieroglyphica, ou signaes idéographicos, reclamando, através seculos, traducção.

Dos lados da cabeça da figura central saem dez cabeças de serpentes menores, cinco de cada lado, á guiza de cabellos...

As orelhas são formadas por serpentes.

Dos joelhos surgem duas serpes de cada lado.

O desenho central tem sobre a cabeça, como uma mitra collossal, uma combinação de figuras decorativas, curvas, quadradas, grades, dentes e arabescos reproduzindo ainda novas cabeças iguaes á principal, terminando, no alto, por duas cobras que se enroscam e se prendem, mutuamente, e distendem emfim as cabeças para os lados,

deixando ver, ao centro, em elevação distincta, as duas caudas curvadas para baixo e na mesma disposição. Lembram essas duas cabeças, os dois canons em que o Amazonas se lança no Atlantico, pelos flancos da ilha de Marajó...

Ainda notam-se, na figura central, doze chifres maiores e quatro menores, os quaes, pela sua feição, parecem cornos de veado vermelho.

Assenta a figura principal em dois supportes que seriam pés humanos, deformados, se não fossem os aleijões que nelles se percebem e que recordam voltas de raizes.

Que significaria a pedra lavrada de Chavin?

Seria apenas uma placa decorativa ou representava o baixo relevo de um Deus, cujo nome está graphado nos *cartouches* dos sceptros?

A existencia e prodominancia do desenho de serpentes, nesse symbolo, despertou-me especial attenção e, buscando solução a essas interrogações, cheguei a concluir que a Pedra de Chavin traduz o rio Amazonas desde suas presumidas nascentes, com seus numerosos affluentes, florestas, animaes, cachoeiras, valles, planicies e platós.

Os pés da figura central mostram nas raizes excrescentes os diversos veios d'agua que formam os rios Apurimac e o Vilcanota suppostos, pelo homem cyclopico, e até posteriormente pelos incas, unicas nascentes do Amazonas.

Os dois sceptros indicam: o da mão direita (da figura) a cordilheira occidental, ao sopé da qual flue o sagrado Apurimac — "señor de los rios que hablan" — e o da mão esquerda a cordilheira oriental por onde desce, calha Urubamba abaixo, o Vilcanota, ambos tributarios iniciaes do Amazonas.

As dezeseis serpentes maiores significam os seus grandes affluentes.

A cabeça engalanada de cobras despertou-me a lembrança duma Medusa Americana, emergida da mysteriosa Amazonia, muito mais antiga do que a lenda da rainha das Gorgonas e com outra origem menos fabulosa.

Os gregos costumavam representar os rios, nas suas medalhas e lapides, sob a fórma de touros, ou simplesmente com os chifres, porque diziam que as aguas recordavam o mugir do gado e os chifres expressavam os braços dos rios.

Tambem representavam os rios sinuosos por meio de serpentes.

Já, em artigo anterior, lancei a idéa, precursora, de que a arte egypcia e suas derivadas encontram fonte productora na America pré-historica.

Estou quasi convencido de que a chave de Chapollion, com pequenas modificações, desvendará, certamente, o mysterio archeologico das ruinas americanas.

Obras megalithiticas nos revelam, o uso de contornos rectilineos na Portada de Tiahuanaco e na figura de Chavin, a infancia d'arte americana.

O homem pré-incaoára havia deixado as cavernas andinas e espalhara-se pelo valle do Amazonas, construindo seus magnificos palacios, templos e fortalezas.

O uso dos parallelogrammos, na recente inscripção de Raschid, gravada em 196 A. C., contendo os nomes de Ptolomeu e Cleopatra, a religião, os costumes, a organização social e as artes mostram que a civilização egypcia é um desdobramento aperfeiçoado da civilização americana, para ali transplantada na época das grandes migrações inmemoriaes.

Os *scutchheons* dos sceptros são de molde a preoccupar os archeologos, do Museu de Lima, convidando-os a que estudem o que dentro delles está hieroglyphado!

Como o eminente archeologo Dr. Luis E. Valcarcel, de Cuzco, creio que "De los Andes bajará otra vez la cultura" da verdadeira historia da humanidade.

Ali, nas entranhas do plató sagrado de Vilcamayo está encerrada, em monumentos mutilados, arruinados e soterrados o segredo da origem humana, desde a sua mais longinqua civilização.

A immensa planicie do Amazonas, que se inclina, docemente, dos Andes Orientaes ao Atlantico, nunca foi, sempre um deserto.

A Amazonia, essa terra immatura para uns e post-quaternaria para outros, encerra, por sua vez, das ruinas de Pucára de Chavin aos ceramicos de Pacoval, no Marajó, e de Cunany, nas suas crescentes camadas geologicas; grandes e preciosos monumentos duma civilização de remotissima idade, afogada no seio eterno das aguas.

A presença da hulha e do petroleo, na planicie, induz-me a tecer, sem receio de erro, esse enunciado, quanto á sua velhice e civilização.

O BERÇO DO AMAZONAS

Em estudo anterior, publicado no "O Paiz", fixei o pensamento de que o rio Amazonas tem a mesma idade da Cordilheira dos Andes Orientaes.

Ao certo, porém, ainda se não póde saber qual é a sua verdadeira nascente, o seu mais remoto berço.

As melhores geographias escolares, na infantilidade de suas luzes, ensinam, á revelia da verdade physica, que o Amazonas nasce no Lauricocha, no districto de Huanáco, departamento de Tarma, trinta e duas leguas ao N N E de Lima, com o nome de Tunguragua, da extremidade oriental do dito lago e tomando a direcção N N O desce, escarpando por entre as montanhas, os sinuosos degráos dos terraços andinos até deslisar na planicie rumo do Atlantico (1).

---

(1) "Noções de Chorographia do Brasil", de Joaquim Manoel de Macêdo, pagina 94.

E' crença geral no Perú de que o Amazonas tem suas nascentes no lago Lauri (*Côcha*, em quichua, significa: lago ou abysmo) entre as montanhas proximas de Huanáco de los Cavalleros.

Os habitantes de Popayan suppõem ser o Caquêtá ou o Yapurá, o tronco do rio Amazonas.

Alguns geographos pretendem derival-o do Guamaná e do Pulca, que vêm de oito leguas de Quito e são as fontes do Cóca.

Outros affirmam que o Beni, nascendo nas montanhas de Sicasica, na Bolivia, atravessa este paiz e o Perú cortando parte da Colombia onde se incorpora ao Novo Maranhão, nas terras dos Maynas (semelhantes aos Mayas), é o verdadeiro Maranhão, vertente principal do Amazonas.

Balbi diz que o Amazonas se fórma pela reunião do Novo Maranhão, chamado tambem Tunguragua, com o Ucayali ou Velho Maranhão (2).

Martins, Herdon, Charles Weiner, Christovam de Acuña, Orbigny, Castelnau, James Orton, E. Reclus e outros affirmam que o Amazonas nasce na lagôa Lauricocha, com o nome de Tunguragua, no districto de Huanáco, no departamento de Tarma, em 10° 30' de latitude sul, a 32 leguas ao N N E de Lima.

(2) "Geographia Universal", Balbi, 2.° vol., pag. 368.

Desses, o consul Charles Weiner, esteve ao pé do lago Lauri e possuido daquella impressão escreveu:

"Tenho visto em 1876 o lago Lauricocha nas alturas de Huanáco Viejo, berço do rei dos rios. Ahi, sob o céo inclemente de Puna, vi sair um delgado filete de agua de uma fria lagôa, e atravessar serpeiando a alta planicie de arbustos definhados e murchos. Mais para o Norte vi-o sob o nome de Tunguragua, já torrente, fertilizando o ridente valle de Huantar (3)".

O geographo paráense Henrique Santa Rosa, de notavel sabedoria na sua especialidade, fez, num gigantesco surto de imaginação, recuar as nascentes do Amazonas á "Lagôa Sant'Anna, alimentada pelas aguas das serras nevadas e Cordilheiras de Raura, e que está em continuidade com as lagôas Caballococha, Tinguicocha, Yanacocha e com os lagos Gaicú e Patarchoca" cujas aguas, transbordantes se misturam e fundem-se com as do Lauricocha a 3.795 metros de altura, "de onde se derrama a primeira corrente, tida como a verdadeira nascente do rio Tunguragua, tributario inicial do Maranon".

Para o illustrado Dr. Henrique Santa Rosa, é a Lagôa Sant'Anna a nascente do Amazonas e assim

(3) "As Regiões Amazonicas", Barão de Marajó, pag. 49.

pensando juntou ao seu paciente trabalho uma vista photographica dessa lagôa, colhida pelo engenheiro Enrique Dueñas, em 1919 (4).

A palavra mais moça sobre as nascentes do Amazonas vem, talhada, num estylo primoroso, do punho do amazonologo Raymundo Moraes, que lançou, nas letras geographicas brasileiras, a observação de Squires e C. Besley, affirmando: "não nasce o Amazonas da Lauricocha, no departamento de Tarma, mas na região andina de La Raya, no Telhado do Mundo, com o nome de Vilcanota" (5).

Carece de provas essa asserção.

Devo, no entanto, realçar, neste estudo, a circumstancia relevante de que, CINCO ANNOS ANTES DA DESCOBERTA DE SQUIRES e BESLEY, o hydrologo Sr. Gastão Ruch, num excellente trabalho sobre os rios brasileiros, proclamou: "Nenhuma importancia apresenta para o fim especial, que temos em vista, aceitar como nascente do Amazonas o Maranhão OU COM MAIOR RAZÃO O RAMO UCAIALI-VILCANOTA, sendo este a cabeceira da grande arteria", etc. (6).

---

(4) "Historia do Rio Amazonas", Henrique Santa Rosa, paginas 69 e 105.

(5) "Na Planicie Amazonica", Raymundo Moraes, pagina 34.

(6) "Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro", tomo 83, 1918, pag. 272.

Interessante coincidencia!

A aceitar o Vilcanota como berço do Amazonas a partir de La Raya, tenho de subil-o até suas famosas nascentes, pelo Vilcamayo, acima, no Lago Titicaca ou Inticaca, porque o Vilcanota (ou Vilcamayo) está ligado a esse famoso lago, que recorda a nossa Alta prehistoria.

Não adivinho bem que funcções têm ali suas aguas. O certo é que ou ali elle nasce ou, nascendo dos nevados de Vilcanota Glacier (17.999 pés), divide suas abundantes aguas em dois ramos oppostos: o que se vai lançar no Ucayali e o que se vai perder nos abysmos do Titicaca formando antes o Arapá, celebre na historia dos incas. Mas observo que, para isso, seria preciso emprestar aos nevados de Vilcanota a missão de divisores de aguas...

Realmente não vejo razões para, literariamente, negar-se ao Titicaca, o maior lago da America do Sul, a 12.500 pés acima do mar, a maternidade do maior rio do mundo!

Um pequeno mappa, parcial, que tenho sob as vistas, organizado em 1925, pelo engenheiro J. A. Corry, em Arequipa, na escala 1: 1.000.000, mostra-me, distinctamente, os montes Cailloma e o lago Vilafro, onde nasce o Apurimac, e o lago Titicaca, com suas doze ilhas, assignalado, na sua orla occidental, pelo traço do roteiro dos navios que o trafegam de Puno a Guaqui, em ligação com o serviço

ferroviario que, vindo da bella cidade de Mollendo, á beira do Pacifico, vai a Cuzco e se estende até Puno, e, de Guaqui, através ruinas de Tiahuanáco, á La Paz, na Bolivia.

Devo esclarecer que esse serviço geographico não é obra de carregação, laborada nos gabinetes de desenho, por palpite, mas um levantamento exacto porque é o "Map of District served by the Southern Railways of Perú, Lake Titicaca Navigation and Guaqui to La Paz Railway", que orientou os engenheiros na construcção dessa utilissima ferrovia peruana.

Por esse mappa vejo que o Vilcanota desce do norte do lago Titicaca, formando poucas milhas depois o lago Arapá, e, bifurcando-se, abandona um braço, a éste, que vai gerar (ou misturar-se com) vários lagos apreciaveis em que termina, proseguindo o ramo principal colleante ao sopé das montanhas de que se erguem os altaneiros picos Tirapata (12.731 pés de altura); Chuquibambilla (12.628 pés); La Raya (14.153, onde os Incas levantaram uma muralha, como a Chineza, delimitando o Imperio); Sicuani (11.585 pés); Huambutio (10.049) até as ruinas pré-incaoáras de Ollantaitambo, onde o Vilcanota perde o nome para se chamar Urubamba até lançar-se no Ucayali que, por sua vez, se funde com o Maranhão, a cinco milhas de Nauta, gerando o Amazonas.

Assim, o lago Titicaca é um *divortium aquarum* do Amazonas e do Prata: aquellas descendo pelo Vilcanota (ou Vilcamayo), sua vertente, e pelo Beni; e estas pelos rios Desaguadero e Pilcomayo.

Malte Brun dá duas nascentes ao Amazonas, ambas no Perú: O Tunguragua, que vem do Lauricocha, e o Ucayali, que nasce dos montes Cailloma, com o nome de Apurimac, no paiz dos Incas (7).

Os Incas tambem tinham essa supposição.

Pensavam ser o Apurimac a vertente do rio Amazonas, que lhes era, á semelhança do Nilo aos Egypcios, um Deus fecundo e bom — o mesmo Deus de Tiahuanáco, representado na portada megalithica de que se occupou, magnificamente, Clemente R. Markham.

A grande pedra de Chavin, encontrada em Chavin de Huantar, em 1840, no Valle do Maranhão, e que está desde 1874 em Lima, symbolisa, segundo as minhas investigações, o rio Amazonas, cujos pés são representados pelos rios Apurimac (*Apu*, senhor e *rimac* oraculo, que fala, em quichua) e o Vilcamayo (*Uilca* ou *Vilca* sagrado e *mayo*, rio) ou Vilcanota, que nasce do lago sagrado Vilca Uñuta, vindo seu ramo principal de Titicaca.

(7) "Geographia Universal", Malte Brun, vol. 5, pag. 321.

No formoso valle de Vilcamayo está Cuzco, cujas ruinas deslumbram, ainda hoje, aos que as visitam, desde as de Tinta ás de Machu Picchu, pelo maravilhoso engenho de suas construcções, tecidas a monolithos colossaes.

Rematando esse trabalho, devo dizer que, apesar de todas essas observações de sabios e sertanistas, continuamos, com relação ás nascentes do Amazonas, a viver sob a orientação incerta das hypotheses geographicas porque, até hoje, ninguem achou, fóra dos mappas, no dorso da Cordilheira dos Andes, a sua verdadeira nascente, mais remota e, por isso, creio não errar affirmando seccamente:

O Amazonas nasce de varias fontes, nos Andes Orientaes.

A IDADE DO AMAZONAS

A juventude que alguns reputados geologos, entre os quaes Benjamin Miller, Berry, Bowman, Castelnau e outros, querem emprestar aos Andes me parece, de todo o ponto de vista scientifico que se procure enxergar a origem dessas famosas montanhas, está em formal e flagrante opposição á verdade geogenica das glébas americanas *que são as mais antigas da espheroide terrestre*.

Parto, para sustentar essa idéa, dum principio commum e rudimentar em geologia dynamica: — As montanhas geram os rios e o Amazonas é o maior filho dos Andes, senão *o maior filho das montanhas*.

Contrariando aquelle enunciado attribue A. de Loymerie (apud Historia do Rio Amazonas de Henrique A. Santa Rosa, pags. 13 e 14) com asserto scientifico, á convulsão orogenica da grande ca-

deia andina, a determinante do diluvio biblico ou historico.

Agassis, citado pelo Dr. Henrique Santa Rosa (Historia do Rio Amazonas) associa-se, conscientemente, a esse pensamento, mas decáe quando delineia o valle do Amazonas, assegurando convincentemente:

"E' provavel que, ao tempo em que estes dois taboleiros, (planalto central do Brasil e o das Guyanas) foram levantados acima do nivel do mar, *os Andes não existissem,* circulando o oceano entre elles, através dum estreito prolongado".

Quando os Andes se levantaram, as aguas pluviaes que sobre sua epiderme se encontravam, pois é possivel que fossem elles, na sua primeira phase, um grande plató, andaram tontas sobre a terra á procura do mar, causando o encharcamento dos valles do Amazonas e do Prata (os mais notaveis).

Nessa mesma occasião, as montanhas guyanenses tambem, estrepitosamente, se ergueram, observando-se, ali, o mesmo phenomeno: as aguas fluindo adoudadas, alagam as terras baixas, devoram as florestas, geram canaes, levantam ilhas aluvionicas, alteram, sensivelmente, a face dormente da crusta e caem, soffregas, suando pelas espumas, no pelago das ycamiabas, dilatando-lhe a margem esquerda e augmentando-lhe, de 5 %,

talvez, a cubagem das massas liquidas e a potencialidade de suas forças de dois gumes: construidora e destruidora.

Ninguem, em consciencia, poderá negar que, na formação do valle amazonico, secundando a acção andina, muito contribuiram as Serras Araquára, Cucuhy, a Cordilheira Parina, Serras Paracaima, Ycãmiaba e Acarahy e as Montanhas Tumuque-Humaque, que impediram o desvio inevitavel das aguas do Amazonas para o Valle do Orenoco, indo estas ultimas, as de Tumuque-Humaque, como sentinellas avançadas, em parallelo longinquo ao curso do Amazonas, vigiando-o, até ao Atlantico, onde levantam a cabeça em Mont'd'argent (margem franceza—fóz do *Oyapoc*), como que para vêr, nessa multi-millenar lucta de forças hydraulicas, quem póde mais: o Amazonas ou o Mar.

Das alticumiadas dessas famosas e desordenadas montanhas rolam uma infinidade de rios do Içana á Manáos onde o Rio Negro, que os collecta, os entrega intactos, incorporados ao seu proprio patrimonio, ao Amazonas, que declina, caudaloso, até ao mar sempre repudiado do rumo das Guyanas, já pela elevação dessas terras, já pela acção das aguas, que dellas escorrem para o enriquecer e o repellir.

E' de se acreditar que, se o Brasil central segundo Gerber, já existia quando o *resto do mundo*

jazia submergido nos mares, o planalto das Guyanas tambem já estivesse levantado, e a planicie do Amazonas, o valle e o rio, fossem não um canal, mas um grande pantano um ygapóuassú, coroado de lagos e povoados de amphibios.

Eis o começo da "terra amphibia", de Raymundo Moraes, a qual enlaça os pés do planalto dos *Parecis,* "expressivo divortium aquarum, de onde irradiam caudaes para todos os quadrantes", como observa Euclydes da Cunha.

A *idade do Amazonas,* dessa corrente lendaria de Orellana a que Vicente Pinzon chamou, escandalizado, de *mar dulce,* ao extasiar-se por vel-a na sua fóz, *é idade dos Andes,* que deflexionando para o occidente, geram a maior bacia hydrographica da Terra.

Sem o colosso dos Andes não haveria essa incommensuravel *boiyuba* dagua doce que, na sua fóz, tem fóros de mar. Acompanho, assim, o pensamento de Hartt que, sobre o assumpto, é a verdade.

O levantamento dos Andes fez o primeiro saneamento de toda a região da planicie, movimentando, com a dynamica das quedas ex-abruptas das suas aguas, nos pongos e cachoeiras, os paúes, os lagos, os ygapós e os pirys adormecidos dessas mesopotamias brasileiras que, drenadas, se convertem nesse eterno *oasis universal,* a que Raymundo

Moraes, illustre escriptor e amazonologo, chamou, acertadamente, de *paraiso verde.*

E o rio Amazonas é um eterno manancial divino gerado pelo sopro de Deus sobre as neves perpetuas das montanhas andinas, que foram arrumadas ali, pela Natureza, para modificar o clima da Amazonia, dessa fecunda planicie encravada e aberta aos rigores, da zona equatorial, aonde Aristoteles nos *"Meteoros"*, Virgilio, nas *Georgicas"*, Ovidio nas *Metamorphoses,* Cicero, São Thomaz, Philo Judeu, Beda e demais philosophos da época suppunham impossivel a vida humana porque a "zona torrida (entre os dois circulos solsticios de Cancer e Capricornio) era terra inutil, secca, requeimada, e incapaz de fontes, rios, pastos, arvoredos; e por conseguinte deserta será sempre..." — "Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil", do padre Simão Vasconcellos, paginas 117, 118 e 119.

Os antigos chegaram a negar a existencia de céo, a essa zona correspondente, sendo de lamentar encontrarem-se nesse numero S. Crisostomo, homil, 14 e 17 sobre a Epistola dos Hebreus e o grande Santo Agostinho.

Espantalho dos astrologos e philosophos, a zona americana jamais fôra visitada pelos remotos navegadores, cujos surtos se perdem na obscuridade prehistorica.

Os aliseos, o mar dulce, alimentado copiosamente pelo degelo dos Andes e movimentado pelos seus numerosos tributarios, são os agentes que aplacam as iras solares e dão a essa região torrida o mais ameno e affectuoso de todos os climas: um clima amornecido que impõe a nudez do corpo e da alma, e *sabe a um doce e perfumado ambiente de alcova,* onde a flora e a fauna e as aguas se multiplicam farta e gigantemente.

Nos Andes peruanos, nas agulhas alcantilladas de granito, trabalhadas nas rochas eruptivas, porphyroides, como as de Tumuque-Humaque, despontadas para o céo, se espedaçam as nuvens carregadas de chuvas, que dissolvem as neves perpetuas e descem, lavando, polindo e corroendo as rochas até cahir nas aguas do Maranon — o Amazonas.

No inverno, os Andes armazenam as chuvas que se congelam nas furnas abysmantes que permeiam os picos e gargantas de pedra, e cobrem-se de neve para, no verão, degelar, diariamente, o bastante á alimentação dos rios andinos, cujas forças hydraulicas dynamizam.

E tanto essa observação é real que, quando naquellas regiões frias o inverno é insufficiente ás necessidades da bacia hydrographica, o Amazonas resentindo-se desse concurso, soffre, sensivelmen-

te, no crescimento de suas aguas, como aconteceu em 1926.

Assim, as montanhas andinas não só são a causa geratriz dos rios, daquem e dalém Andes, como tambem a fonte principal de sua conservação, para a qual concorrem as florestas, os proprios rios e os mares, enchendo o céo de nuvens fecundas, que se partem nas baixas temperaturas das cumiadas das serras e caem cedendo á lei de gravidade.

As aguas, na planicie amazonica, exercitam um movimento interessante, um quasi passeio circular: descem pelo rio até o mar e depois, açoitadas pelo vento, voam a largo galope, de "leste para oeste, das planuras azues do Atlantico para as serranias alvinitentes dos Andes" (Raymundo Moraes) em consideravel proporção, transformadas em nuvens, voltam aos picos das torres andinas, que as espedaçam e as precipitam, de novo, na vertigem da corrente orellanica.

A agua é o movimento eterno sob a acção solar.

Com A. de Loymerie acredito, que a emersão dos Andes, occorrida concommitantemente com a dos planaltos Central do Brasil e das Guyanas, determinassem, no fim do periodo terciario, ou começo do quaternario, um grande diluvio americano, destruidor talvez da "*Atlantida*", o qual,

baixadas as aguas, gerou as planicies da America do Sul e Central e seus agigantados rios, dos quaes o Amazonas é Rei.

O levantamento dos Alpes deu logar ao segundo diluvio da Europa. E o derrame impetuoso das aguas, comboiando massas aluvionicas, foi deposital-as em França, na Italia e na peninsula hispanica, as quaes serão sempre a prova flagrante do nascimento dessas serranias.

Quantos rios os Alpes geraram?

As montanhas filiadas ao Caucaso, ao emergirem dos mares, não determinaram o diluvio asiatico do qual, se diz, nasceu o monte Ararat?

Quantos rios nasceram do Caucaso e suas irmãs?

O levantamento das montanhas de Noruega não deram logar ao primeiro diluvio que, vindo da Scandinavia, alagou o norte da Europa, inundou a Suecia, Noruega, a Russia e o norte da Allemanha modificando a crusta terrestre das planicies e valles (com a incorporação de terrenos moveis) da Europa septentrional?

E quantos rios dessa convulsão orogenica não nasceram?

A America é a mais velha terra do mundo: seus monumentos prehistoricos fazem a prova provada desse asserto, que não receio sustentar.

As maiores altitudes habitadas, na Terra, são as dos Andes, no Chile, e Perú, as quaes se mostram mais gigantescas que as povoadas Thokdjalung, no Thibet e Mont Blanc. Sómente os mais elevados cumes do systema Atai-Himalaya, que attingem ao nivel de 7.720 (*Lllung-Mus-Kwenjlun*) a 8.840 m. (*Monte Everest*) supplantam as vertiginosas itacangas cinzentas e pretas, encapotadas de neves eternas, das cumiadas andinas, cujos cabeços se erguem para o *Iuaka* (céo), penitentes, como que tecendo preces a Deus sob os beijos tonificantes do sol e as caricias mortas dos luares.

Entre estes encontram-se, como pontos extremos, os *Aconcagua* de *Acanga* — cabeça e *gua* — campo (Argentina) com 7.040 m. e o Cacaáca, de *cacaa* — floresta e *Aca* — chifre (Bolivia).

Na America, salvando o Deserto Colorado, na California, pode-se dizer não ha depressões notaveis e toda a crusta guarda, uniformemente, um nivel superior ao do mar.

Não possuimos terras baixas nem como as do lago Jordão, na Palestina, nem como as do lago Assal, na Africa, nem como as de Luktechun-kyr, na Asia.

Ha, ao contrario, lagos como o de *Titicaca,* no Peru que attinge a 8.330 metros sobre o nivel do mar, e é o maior da America do Sul.

Essa feição altaneira, que se observa na America é sufficiente para demonstrar a sua velhice, *que é a mais remota de todas as terras até então emergidas* pela acção constructora da dynamica ignea da endosphera desconhecida. A America, que é sómente um pouco menor que a Asia, nasceu grande, nas suas terras, nas suas montanhas, nos seus rios, nas suas insulas, na sua flora, na sua fauna e nos seus homens.

NOS HUMBRAES DA AMAZONIA

A foz do mar dulce, de Vicente Yanez Pinzon, é a vasta portada cyclopica da mais rica planicie do mundo, a qual se desdobra, prodigosa e fecunda, nas suas uberrimas camadas de aluvião, por diversas mesopotamias marginando o rio Amazonas desde os platós andinos da Bolivia, Perú e Colombia ás savanas desertas das Guyanas e aos campos gordos do Marajó, que é a sua margem direita até ao extremo Cabo Maguary, no Atlantico.

A foz do Amazonas, tem sido, até hoje, uma lenda geographica, embuçada em absurdas hypotheses scientificas que, absolutamente, se não harmonizam com a verdade physica desse grande e complexo problema hydro-geologico.

Desde a conquista definitiva da Amazonia pelos portuguezes que, geographicamente, a Ponta do Maguary limita a foz do Amazonas (Paráuassú ou Guyena) dilatando-lhe, dahi, as fauces num gol-

phão de 270 kilometros, até ao Cabo do Norte nas tabas de Aricary como, igualmente, demarca, ao Sul, a barra do Tocantins (Rio Pará), numa abertura de setenta e dois kilometros até a Ponta da Tijoca, no continente.

A geologia da Ilha de Marajó é, positivamente, a chave millenaria do estudo hydrologico da foz do Rio Mar.

E' por isso que se torna preciso saber: A Ilha Grande de Joannes (Iguanes), será resultante de depositos aluvionicos?

Não! Respondem Martius, Agassiz e Derby.

Martius encontrou em Breves o "grês ferruginoso", que caracteriza a camada geologica do Pará, affirmando ainda "que essa mesma camada se estende sobre toda a Ilha do Marajó".

Agassiz, na sua obra "Voyage au Brésil", assegurou que a geologia marajóara é semelhante á do valle amazonico, concluindo, dahi, que a Ilha de Marajó era, primitivamente, ligada ao litoral paráense da cidade de Belém á da Vigia.

Firmou-se, para emittir esse enunciado, no exame geologico do córte aberto pelo rio Pará-cauary, que banha, sob a acção da marés, a pitoresca cidade de Soure, a mais bella *urbs* marajóara.

Ali, na barranca de Salvaterra, sob o peso da ventania, constatou o eminente Agassiz as diffe-

rentes idades da ilha: grês stratificado argilla laminada, revestida duma crosta vitrea; grês ferruginoso, com stratificação torrencial, calháos de quartzo, e sobre tudo isso, a argilla silicioza, espalhada na superfiie do grês desnudado.

Orville A. Derby, repete: "A estructura geologica da Ilha de Marajó é conforme á da terra que limita o rio por todos os lados".

O notavel geographo Henrique Santa Rosa, arrebatado pelas attrahentes theorias de Agassiz, admitte que, na noite dos tempos, houve um profundo rebaixamento no Valle do Amazonas, o qual actuando nas terras comprehendidas entre as costas da Vigia e a oriental do Marajó produziu, violentamente, a submersão desse trecho de terras que foram cobertas pelas aguas do Tocantins (Rio Pará) separando, dessarte, das terras vigilengas a região do Marajó que, liberta se proclamou a grande Ilha dos Neêngaibas.

O Dr. Santa Rosa, no entanto, desfere, sobre essa temeraria supposição de Agassiz, a flecha hervada e incredula duma illuminada desconfiança, quando affirma: "Resta saber se esta acção oceanica fôra ou não precipitada por algum effeito sismico, que haja determinado a submersão rapida da floresta, produzindo o estremecimento do sólo e, como consequencia, a sua ruptura em fen-

das profundas, que se transformaram em leitos fluviaes".

Eu acho inaccessivel essa theoria do eminente Agassiz.

Os phenomenos de geologia dynamica que conturbam a face da Terra elevando, rebaixando ou fendendo-a, deixam, sempre, vestigios inapagaveis.

Esses vestigios não foram encontrados ainda, nem no Marajó nem no litoral da Vigia, onde tambem, pacientemente, os procurei.

A Ilha do Marajó é uma perola, inestimavel, arrancada, bruscamente, pelo Amazonas, ao aureo colar tocantino, para lhe adornar a foz.

Os que admittem essa engenhosa e incoherente theoria de Agassiz estão na obrigação hydrographica de "descobrir" o antigo e mysterioso desaguadouro do rio Tocantins! E' aqui o nó cégo, indesatavel, que a estrangula...

Por que seria?

Agassiz, apesar de vencido, na sua concepção geologica da formação da Amazonia, attribuida ás geleiras, constatando, no exame detido do valle, que a Ilha de Marajó conta a mesma idade das terras firmes do Perú, afastou a hypothese de que a fecunda Ilha dos Neêngaïbas fosse simples accumulo aluvionico dos sedimentos mineraes e vegetaes do Amazonas e Tocantins.

Ha um ponto, porém, em que Agassiz se approxima dos estudos posteriores de Charles Hartt: — é quando ambos revelam que o Amazonas, então grande deposito dagua doce (um lago maior do que o Titicaca) dormia, immoto e desolado, ao sopé dos nevados e araxás num plató andino, antes de ser rio.

No dia em que o Amazonas, obedecendo á furia duma tempestade, deixou de ser lago azoico, a Natureza, pela voz de Tupan (pai de Pan) o sagrou Rei dos Rios e fel-o descer, pelas rupturas e depressões graniticas dos Andes, magestoso e potente, rumo do Atlantico, escavando o canon estreito e raso dos rios das Guyanas, por onde, desde então, flue o seu tumultuoso igacy (thalweg) soterrando as florestas, desnudando os outeiros de suas indumentarias terciarias, attraindo as aguas dos flancos que, de longinquos ermos, cantantes, lhe vieram, até ao mar.

Foi então, na vertigem de sua formidavel carreira inicial, que o Amazonas amputou a peninsula de Marajó das terras de Cametá e alliou-se, eternamente, ao famoso Tocantins, que já era secular, no communhão de foz para a lucta, sem treguas, ao Atlantico.

Penso que quando as aguas do Amazonas derramaram-se, adoudadas, pelos canaes Tayápurú e Yaburú e conseguiram rasgar as terras aluvionicas

rumo do Tocantins, deu-se, então, o rebaixamento dessa crosta pouco consistente, de que fala Agassiz, alteando-se e soldando-se á terra firme a ilha de Porto de Moz, que se transformou na actual peninsula, resultando, dessa modificação tellurica, a alteração dos cursos do rio Arapú que, com o Yacundá e Pacayá, se lançava na calha central do Amazonas, alguns kilometros abaixo da foz do Xingú, margem direita.

Esse movimento sismico, vindo dos Andes, secundado pela dynamica das aguas, deu origem ás bahias de Marajó, Anapú, Curralinho, Portel e a consequente formação do amplo e lindo estuario do rio Tocantins que, mais farto, por sua vez desviou suas massas em dois ramos: o de Oeste, que se foi fundir com as aguas do Amazonas, e o de Leste, que fluiu, directamente, á sua antiga e verdadeira foz, prolongando-se até ao mar.

Do que tenho exposto, conclúo que a communhão de foz dos rios Amazonas e Tocantins, verificada desde 1500, em torno de Oeste e Oriente, da Ilha de Marajó, nem sempre existiu.

A Ilha de Marajó é uma peninsula emancipada.

Velha peninsula, Marajó se lançava das ribas tocantinas, mar a dentro, ligada ás ilhas da contracosta Jurupary, Caviana e Mexiana.

Parte integrante da mesopotamia Tocantins — Xingú (berço dos Carahybas) Marajó servia, como ainda hoje serve, de margem direita ao rio Amazonas.

A peninsula do Marajó foi, de facto, na alta antiguidade prehistorica, o pouso dos Carahybas (segundo as theorias de Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich), que, dahi, se fizeram ás aguas, engolphando-se no mar das Pequenas Antilhas.

João Ribeiro colloca no Xingú o nucleo dos Carahybas que, descendo pela mesopotamia Tocantins-Xingú, a que se ligava Marajó, se espandiram para as Guyanas.

De facto, a ceramica de Pacoval, no Marajó, conta, brilhantemente, a passagem, ali, dum povo superior que rivalizava com os Muiscas, da Columbia ou com os oleiros barbaros do Yucatan.

Eis o laço ethnographico em que se firmou o meu pensamento, na elaboração, reflectida, da hypothese hydro-geographica, de que é objecto este trabalho.

A reforçar o argumento ethnographico estão ahi, vivas e verdes, as terras das margens tocantinas, na face de seu formoso estuario, de Cametá ao Xingú e as ilhas adjacentes, todas debruadas de florestas de seringueiras, branca e preta (Hevea brasiliensis), irmãs gemeas das arvores que predo-

minam no litoral do Marajó, desde o municipio de Ponta de Pedras até Breves.

Além da semelhança das terras, da flora e da fauna, ampara-se essa minha hypothese geographica no censo das distancias.

Do litoral tocantino á Ilha de Marajó, distam pouco mais de tres leguas, sem contar com as ilhas que encurtam, em varios pontos, essa largura.

Da costa da Vigia ao lado oriental de Marajó ha um afastamento de mais de oito leguas!

A semelhança dos depositos geologicos e da flora, que tanto impressionaram Agassiz, encontrados no aspecto da costa oriental do Marajó e no litoral da Vigia provém, estou certo, da aproximação dessas terras, que se ligam, por sedimentos, communs, no sopro do vento e no beijo das vagas.

O RIO DA DUVIDA

Ulysses Reymar, meu amigo e ex-collega de estudos secundarios, no Pará, actualmente em Lima, acaba de me enviar vários jornaes e revistas peruanos dos quaes destaco, para este trabalho, alguns topicos do artigo "SUD AMERICA VISTA CON LOS OJOS DE ESTADOS UNIDOS", de R. Crawford e J. Crowder, publicado pelo "NOTICIAS", de Arequipa, a 25 de Fevereiro de 1928.

Esse artigo, graphado pelo pulso incerto de aventureiros, ignorantes da geographia, me despertou, logo, o sentimento de piedade porque percebi que seus autores são laborados pela tára, irresistivel, dos *peaux rouges* nomades, a qual lhes ferve o sangue azougando-lhes o cerebro á realisação de viagens sportivas, tão estereis á sciencia quanto fecundas em fantasias, pelas selvas sagradas da America do Sul.

Ha, nesse artigo, pedacinhos assim:

"Sur America es para nosotros un desahogo a nuestra sed de aventuras".

"QUE SIGNIFICAN LOS PAISES DEL SUR — *Para nosotros el Brasil significa el Amazonas y el Rio dé la Duda, explorado por Roosevelt;* la Argentina es el pais en que se desenvuelve el tango, florecen los gauchos, y sobre todo, la tierra en la cual todos los hombres son apuestos y las mujeres hermosissimas; Perú y Bolivia, son tierras donde los Incas dejaron tras si sus ruinas y donde ahora pastan llamas y viven indios; Chile es un pais rocoso e infértil, rico en minerales. Y el dar la vuelta del Cabo de Hornos es la intima ambición de todo corazón norte-americano".

Crawford e Crowder, imbuidos das idéas dos bandeirantes selvagens, fogem da civilisação e buscam as sombras dos caetés aborigenes ansiosos por descobertas maravilhosas, ao contacto duma flora e duma fauna desconhecidas.

Por isso destacam do Brasil o Amazonas e "el Rio de la Duda, *explorado por Roosevelt*".

Noto que insistem em falar do Rio Roosevelt, affirmando:

"EL RIO DE LA DUDA — *Brasil, el Amazonas, el rio de la Duda!* Leemos sobre Rio y de sus proyectos de subterraneo, de sus lujosos hoteles, parques modernos y vias esplendidas. Se nos

habla de San Pablo y sus fábricas, de sus calles pavimentadas, y sus muchos autos.

Si, prestamos oido a todo este pero lo creemos en verdad? Para nosotros, el Brasil será siempre a tierra que contiene vastos juncales inexplorados, el pais donde vagan libremente los pumas y las boas, en donde pueden todavia descubrirse nuevas tribus de indios desconocidos en donde los nativos viven en casuchas sitas sobre los pantanos y los rios, en donde la temperatura es insoportable y en donde los canibales aún habitan las dilatadas selvas".

Pobres de espirito!

Quanto a nós, é certo, se limitam a galhofar, proclamando os nossos pantanos e juncaes inexplorados, as nossas florestas povoadas de jaguares e giboias, as nossas tribus selvagens, "desconhecidas", o calor insupportavel" e os "canibaes", realçando, porém, o valle do Rio da Duvida, no pequeno trecho palmilhado e descripto pelo illustre coronel Roosevelt, quando incorporado á Missão Rondon, que, ha annos, já era conhecedora dessa famosa região parecyoára, chamada, muito acertadamente, *Rondonia*, pelo douto ethnologo E. Roquette Pinto.

Raymundo Moraes, cujo estylo formoso tem nuances de velludo e arestas de diamante, no "*Na*

Planicie Amazonica", açoita a lenda yanqui da descoberta do Rio da Duvida, dizendo:

..."O de Roosevelt, tambem coronel, *cow-boy*, militar, estadista escriptor, *globe troter*".

..."Errava elle em plena selva matto-grossense, na faina venatoria de manter os companheiros, quando ao atirar num papagaio, atirou oh, céos! num rio".

..."Descobrira por acaso, consoante já havia acontecido a Cabral com o Brasil, um rio profundo e largo".

"Plantou-se um marco commemorativo da linda façanha e o coronel Rondon, novo São João Baptista da ramalhuda arvore hydrographica do noroeste patricio, baptisou de rio Roosevelt aquella corda potamica, sem attender ao resmungar d'alguns auxiliares da comitiva, e aos seus proprios conhecimentos, que affirmavam ser aquillo o Aripuanã, volumoso e conhecido affluente do Madeira".

De facto, a lenda de que Roosevelt teria descoberto um rio, no valle do Madeira, desceu, perversamente, ha tempos, Rio Amazonas abaixo até ao mar!

Essa moêma foi homologada, e conquistou aspecto de verdade, na America do Norte, terra das grandes victorias industriaes, dos grandes palacios e tambem das grandes pilherias...

A insistencia de Crawford e Crowder em falar no "Rio de la Duda", deu origem a este modesto estudo geographico.

Roosevelt, póde affirmar-se, nenhuma exploração ali fez, de conta propria.

Como simples hospede, *attaché* á humanitaria missão Rondon, andou pelo planalto central do Brasil ora em mulas, ora em carro motor, ora em balsas, até encontrar os mais afastados veios d'agua, do Juruema e do Giparaná, nas tabas dos nhambiquáras.

Roosevelt, com a lealdade e fidalguia que ainda hoje illuminam a sua saudosa e honrada memoria, confessou:

"O coronel Rondon e o tenente Lyra, ao aproximarmo-nos do rio Duvida, discutiram sobre a fluencia e a foz do rio, e o fim da nossa viagem foi dissipar a nossa ignorancia relativa a este rio. Podia desembocar no Giparaná, mas neste caso seu curso deveria ser muito curto; podia desembocar no Madeira, mas neste caso seu curso deveria ser muito longo; ou podia desembocar no Tapajós, o que não seria provavel" (1).

(1) "Um caçador Naturalista nas Selvas Brasileiras", publicado em inglez no **Scribner & Magazine**, e transcripto á pagina 156 do Boletim da União Pan-Americana — Março — 1915.

Dahi se conclue que o honrado coronel Roosevelt, — o mestre que "analysa, disseca, induz friamente e ensina", na expressão judiciosa de Euclides da Cunha — jamais se gabou de haver descoberto o Rio da Duvida!

A questão hydrographica que elle ajudou, heroicamente, a matar, lá nos verdes caaétés dos nhambiquáras, era antiga e consistia em se saber onde o Rio da Duvida ia entregar suas aguas: si ao Tapajós, pelo Juruema, ou si ao Giparaná (2).

Conhecido velho era elle do bravo e benemerito general Candido Rondon, que até lhe puzera, no leque das cabeceiras, o nome de Ananaz, por ter achado, em suas margens, um campo perfumado dessas excellentes fructas maduras.

Chamado a tomar parte nessa verificação, Roosevelt, Rondon e seus jovens e dignos apostolos da cruzada selvagem, constataram que o Rio da Duvida se lança ao rio Aripuanã, quarenta leguas, (approximadamente), antes deste se fundir com as aguas do Rio Madeira.

Desfeita, pela solução, a incognita, o general Rondon, em homenagem aos esforços do velho estadista yanqui, denominou Rio Roosevelt o então Rio da Duvida, que ficou tendo, á similhança do

(2) "Impressões da Commissão Rondon", — Major Amilçar Botelho de Magalhães, pag. 211.

Amazonas, tres nomes: *Ananaz*, no alto, desde o leque de suas vertentes; *Roosevelt*, num percurso de trezentos kilometros até receber seu affluente Aripuanã (margem direita) e *Aripuanã* desde essa juncção até a fóz, no Madeira.

Resultou esse estudo na descoberta do verdadeiro curso do Aripuanã, que vae fazer cabeceiras com o Giparaná e com o Juruema.

A modificação soffrida, além de logica, é historicamente justa, porque Roosevelt, está perpetuamente ligado á solução do enigma hydrologico do Rio da Duvida.

O Aripuanã tem, na sua fóz, a mesma largura do Madeira e com este forma, ali, uma linda e ampla bahia.

Venham os Crawford e Crowder ao Brasil e perlustrem-no desde o planalto central ao Amazonas. Recolham, livremente, dos caaétés os espécimens da fibra, da fauna e dos mineraes necessarios aos museus de que forem bufarinheiros, mas, ao chegarem á sua patria, não mintam despudoradamente, ao narrarem as novellas phantasiosas de suas viagens, que a época não mais permitte a industria criminosa das lendas.

Que venham os matteiros yanquis desbravar nossas selvas!

Mas venham, possuidos de bôas intenções e animados de idéas de progresso, multiplicar seus

capitaes no capital azoico das nossas florestas, que vertem o ouro negro, e das entranhas do sólo, onde as jazidas dos mineraes, adormecidas, "glorificam" a indolencia secular dos nossos capitalistas, que têm horror ás industrias extractivas...

Mas venham como o illustrado senhor Henry Ford, semear o dollar no trabalho agricola da cultura da seringueira (Hevea Brasiliensis).

Mas venham, libertos de vicios do corpo e da alma, como Henry Ford, futuro cidadão da Amazonia, que combate, preliminarmente, o uso do alcool e de outros toxicos pelos lavradores e operarios a localizarem-se em suas terras, no Valle do Tapajós.

Venham, assim, que terão o amparo dos governos e garimparão, com os fructos da terra e dos rios, a gratidão, de todos os brasileiros.

O PAGE'

O pagé não é simplesmente o curandeiro do caá, mas o sacerdote do culto das superstições grosseiras, autóchtones.

Essa entidade sobrevivente do Brasil selvagem é, ainda hoje, na Amazonia, desde a sua face maritima ás grotas andinas, uma autoridade mysteriosa prestigiada pelos "bichos do fundo", dos rios e dos mares, e pelas caruãnas e angas dos céos, radicados no atavismo autóchtone, que irrompe do seio de todas as camadas sociaes atrazando a civilização na bisonha, clandestina e ortodoxa cultura das velhas abusões das tabas.

O pagé, sacerdote de Tupan, era o medico, o feiticeiro e o medium.

Sob a pressão do cauin agia invocando os duendes das florestas sempre que as pussangas eram impotentes para curar os enfermos.

Seu instrumento sagrado era o maracá.

O tucháua, o pagé e o murubixaba governavam os selvagens brasileiros.

O tucháua era o executivo e o judiciario ás vezes. Administrava a caça, a pesca e a ligeira lavoura, mas sob as previsões do pagé.

O murubixaba era o chefe militar, acclamado para a guerra. Esta funcção era transitoria e quem a desempenhava deveria ter, além do valor pessoal comprovado, a força do tapir, a ligeireza do jaguar, a vista da ariramba, a astucia do cayá, a paciencia do jaboty, o sangue frio d'aig, a coragem do yapácamin e o linguajar do papagaio, para animar seus homens na lucta. Não decidia o combate offensivo, porém, sem annuencia do pagé.

Dessa rudimentar organização social dos selvagens do Brasil, destaca-se a figura principal do pagé, o mágo das éras prehistoricas, o qual tinha um mysterioso poder legislativo, absoluto, nas tabas dos primitivos americanos.

Como os gregos dos tempos heroicos, os tupynambás prediziam os factos futuros, através do canto dos passaros e levavam confiantes, seus sonhos ao pagé, que os traduzia intelligentemente.

Além da funcção religiosa, os pagés eram obrigados a guiar os selvagens nos combates, nas aguas ou em terra.

Essa pratica, universalmente aceita no paiz, era, talvez, a mais importante de suas obrigações.

Orelana, descendo o Amazonas, que casualmente descobriu, em 1541, foi assaltado pelos machipáros, que traziam á sua frente "quatro feiticeiros besuntados, a cuspir cinzas e a atirar agua na direcção dos hespanhoes", no proposito ingenuo de os enfeitiçar. Eram os pagés dos umáguas.

O padre Simão de Vasconcellos, occupa-se dos *Payés* ou *caraibas*, agoureiros e bruxos, dizendo que os pagés eram muito estimados e venerados sendo considerados infalliveis pelos aborigenes.

Exemplificando o valor do pagé refere o padre Simão um caso, que elle chama de authentico, occorrido entre um grupo de soldados portuguezes e selvagens alliados contra os tapuyas, então fortemente entrincheirados.

"Os portuguezes vacilavam em provocar o combate, receando uma derrota, á vista da situação do inimigo lhes parecer inexpugnavel.

O pagé dos alliados, percebendo o receio dos caramurús, saltou a um terreiro fronteiro ao inimigo, e, fixando na terra duas forquilhas, amarrou fortemente sobre ellas sua tangapêma, toda galanteada de pennas".

Depois, fez com que os "selvagens dançassem e cantassem ao redor della: e acabadas as dansas. e cantos, começou o mesmo feiticeiro a dansar em

torno da tangapêma, fazendo ridiculas ceremonias, momos e esgares".

Feito isto, chegando-se á tangapêma, (espada de páo) "disse palavras incomprehensiveis e soprando tres vezes sobre dita espada, ficou esta solta das ligaduras, saltou da forquilhas e foi voando pelos ares, com assáz admiração dos portuguezes".

"Coisa espantosa! Dali a pouco tempo, viram todos, que tornava a vir a mesma espada voando pelos ares pelo mesmo caminho e á vista de todos se tornava a pôr no proprio logar entre as mesmas forquilhas, porém, com grande diversidade, porque vinha toda ensanguentada, e estillando sangue, qual se viera de grandes matanças".

Os aborigenes alliados ficaram contentissimos e o pagé garantiu a victoria ao commandante dos guerreiros brancos.

Momentos depois, o destacamento tupy-lusitano, assaltava o acampamento tapuya empenhando-se briosamente no combate, sendo o inimigo vencido em toda a linha.

A profissão de pagé, como ainda actualmente se verifica, não era privativa dos homens.

Havia mulheres pagés no Brasil.

Eram as pythonisas americanas que adivinhavam o futuro, descobriam o presente e os segredos do passado, não sobre a tripode de Delphos, mas

caindo sobre o *tupé* selvagem em estado syncopal, sob as fumigações de *petun* do pagé com que trabalhavam.

Dominadas pela actuação da magia pussangueira, as nossas feiticeiras dos tempos coloniaes, fanatizadas, atiravam-se cegamente, á semelhança de Joanna d'Arc, contra as forças inimigas como fez, em 1646, á frente dos potyguáras e hollandezes, na defesa do forte Santo Antonio, no Estado da Parahyba, a heroina Anhangauára, que, convencida de sua invulnerabilidade physica, desafiava as tropas avançadas de Camarão e Vidal de Negreiros, caindo morta aos primeiros disparos desse encontro sangrento, de que foram victoriosos os tupy-lusitanos.

O bari dos boróros é o mesmo pagé ou baré dos tupys guaranys.

Dos boróros de Matto Grosso, missionados pelos salesianos, o padre Antonio Colbacchini contou em 1919 coisas assás surprehendentes. Refere a previsão telepathica de um bari que lhe annunciou a travessia oceanica do padre Malan e sua chegada ao Rio de Janeiro e consequente regresso á missão, dahi a duas luas.

Essa prophecia se realizou, esgundo affirma o padre Colbacchini no seu livro "A tribu dos Boróros", pags. 92 e 93.

Ninguem poderá contestar a funcção religiosa dos pagés ou baris.

Os selvagens brasileiros, tapuyas ou tupys, já tinham comprehendido a necessidade da crença em Deus, poder supremo que governa os mundos suspensos no infinito.

Deus transparecia, luminoso, na visão dos barbaros.

Acreditavam na existencia e immortalidade da alma, e na communicação dos mortos, sob as materializações dos pagés, baris e aroetoraris, sacerdotes do sol, que é a casa de Bope, deus da mythologia brasileira, escripta nas lendas do planalto central e da Amazonia.

A segurança desse asserto tem-se na flagrante analogia que os selvagens encontraram entre a liturgia rude da pagelança e o sacrificio da missa.

O thuribulo defumava os altares com incenso e o pagé incensava a cabaça falante dos prognosticos com *petun* ou breu vermelho.

A campainha tocava como o maracá, ferindo, religiosamente, os sentidos d'audição e impondo respeito e silencio aos assistentes.

Chamaram, por isso, ao padre, abaré, homem sagrado.

Quando, em 1563, os padres jesuitas Joseph Anchieta e Nobrega foram ás praias dos tamoyos, em missão de paz, e estavam ameaçados de mor

te por Ambiré e Paranãpucu, o velho tucháua Pindobussú, pai deste, disse-lhes: "Se nós outros temos medo dos nossos Payés e não ousamos offendel-os; quanto mais o devemos ter destes Abarés que são verdadeiros Payés, falam com Deus e nos lançarão camaras de sangue, e febres malignas, com que todos morramos?"

Essa pratica, logica, acalmou o animo criminoso dos selvagens que, desde então, chamaram a Anchieta de "Payéguassú dos Christãos". Southey disse uma grande verdade quando attribuiu aos pagés e ao nomadismo o atrazo dos tupys.

Ainda hoje, o pagé atrophia a civilização do Brasil, na conservação do culto das superstições, que nos fazem volver o olhar ás trevas pre-historicas nos pontos mais credulos do paiz em que predominam, na raça, os factores áfrico e autochtone.

ANTIGUIDADE DAS TERRAS BRASILEIRAS

Depois de um milhão de seculos de elaboração, nas entranhas da endosphéra e sob as massas dos mares cosmogenicos, surgiu, formosa e fecunda, aos beijos de luz e fogo dos astros e ás caricias do ambiente, a Terra — o paraiso, o purgatorio, o céo e o tenebroso inferno dos homens...

Sua antiguidade, exacta, ninguem calendariza; só Deus que a gerou e nada ignora, a conhece.

A geologia, tem, em seus estudos, ao alcance dos collegios secundarios, scientificamente, demonstrado que, com as primeiras terras afloradas á superficie das aguas — França, planalto central, Finlandia, Allemanha (Central), Laponia, — surgiram tambem os planaltos central do Brasil e o da Guyana, no Atlantico, nos ultimos dias do periodo azoico.

Estão proclamadas, a Cordilheira Maritima e

a do Espinhaço, no Brasil, as terras mais antigas do continente americano.

Acompanhando esses primeiros movimentos emersivos, repontaram do fundo dos mares primitivos, as terras do Utah, do Oregon e do Chili, no Pacifico.

A Terra, nas suas mysteriosas camadas geologicas, é o grande livro da antiguidade humana, assim como as ruinas deixadas pelos povos barbaros demonstram, ainda hoje, a antiguidade do homem (sua civilização, industria e arte), nas differentes partes da crusta.

E se o Brasil foi uma das primeiras terras emersas, pelo braço de Deus, dos mares, por que não proclamal-o, sem tibiezas, um dos primeiros berços do homem, da flóra e da fauna, no fim do periodo terciario?

Ao mesmo tempo em que Deus fez apparecer o homem nas terras da *Pindorãma* (patria das palmeiras, como os Tupys denominavam sua patria — o Brasil) tambem o creou na Asia, na Africa, na Europa e na Oceania.

Penso que, a principio, cada raça representava, geographicamente, um berço distincto, de apparição humana. As migrações impuzeram o cruzamento e a mestiçagem, ainda nos tempos prehistoricos,

Nesse estudo adopto a classificação de Blumenbach — a mas clara e a mais perfeita — apontando, porém, a terra do Brasil, no seu planalto de Matto Grosso, como um dos berços da raça branca, segundo as impeccaveis deducções archeologicas e ethnographicas do sabio inglez coronel Ph. Fawcett, que, intemeratamente, arriscando a vida, desde 1925, da E. C., se encontra em estudos ethnologicos embrenhado nos caetés daquelle Estado em companhia de seu filho Jack e de dois estudantes da Universidade de Oxford... destinados talvez a serem os primeiros martyres da prehistoria brasileira.

Com esta ligeira modificação feita em honra do sabio Fawcett, continuador da obra de Brasseur de Bourbourg, tem-se então:

1.ª — Raça branca — *Caucasia e Brasileira — Fawcett;*

2.ª — Raça amarella — *Mongolica;*

3.ª — Raça negra — *Ethiopica;*

4.ª — Raça vermelha — *Americana;*

5.ª — Raça parda — *Malaya.*

Mas como o ponto capital de minhas cogitações é a prova de que o homem americano foi o primeiro lançado sobre a crusta da Terra, sinto, ao esboçar os lineamentos dessa these archaica, a necessidade inadiavel de tornal-a liberta das retrogradas ameias lendarias do *Genesis* desde o ponto

inicial do Paraiso, com Adão e Eva, mais a serpente e a maçã...

A origem do homem não póde ser mais *nas escolas brasileiras*, uma questão religiosa, como nos tempos penumbrosos da monarchia...

A sciencia humana, inspirada por Deus, se tem incumbido de destruir as lendas, que descem, cantantes e desmoralizadas, ao campo raso do *folklore*...

A Biblia, ella mesma, envolve fantasias inviaveis, no pensamento hodierno.

Jesus Christo, inimigo da anarchia, e das revoltas, trazendo a lei nova, ensinou que a antiga fosse respeitada mas, não homologou, com a autoridade divina de sua palavra, os grosseiros absurdos biblicos, que tanta confusão geram sobre a Terra.

No mundo das idéas e no universo do pensamento, tudo envolve, porque a finalidade é a Perfeição Absoluta!

Sob o imperio dessa lei (quando não falam os interesses politicos partidarios), é que as sociedades humanas reformam os seus codigos sociaes e politicos, de accordo com as necessidades do povo e as intuições impostas por Deus — fonte permanente de philosophia e saber humanos.

As archaiquices inspiram, fóra da moda, gargalhadas, indifferença e desprezo, onde quer que

appareçam: assim está, em grande parte, o *Velho Testamento*...

Deus, na propria Natureza — fonte por onde Elle tambem se revela ao homem — mostra o principio da evolução.

Nos filhos reformam-se os paes. As arvores perdem as folhas; as aves, as pennas; os ophidios, as pelles; os rios, as aguas; a terra, as relvas, que murcham, morrem e renascem, e o homem pela phlosophia, reforma as idéas; pelo arrependimento, o caracter, e pela moral, os costumes

Partidario, consciente do polygenismo, affirmo que o homem da Lagoa Santa, evoca os tempos paleolithicos brasileiros e viveu, honradamente, nas cavernas de sua taba.

O craneo semi-petreo e semi-metalico desse fossil, *sui generis*, achado no Estado de Minas Geraes, e collecionado pelo illustre paleontologo Wilhelm Lund, lembra, scientificamente, os restos dos descendentes do "Adão" americano, que não data apenas de 5.927 annos, mas de cincoenta mil annos, talvez!

E', portanto, essa preciosidade geologica o ponto de partida para a indagação do *homo americanus* e a pedra fundamental do autochtonismo brasileiro, edificando, cyclopicamente, a doutrina de que a America foi o mais antigo nucleo de creação humana, distinctamente emancipado.

Blumenbach, no assumpto, é a synthese feliz da idéa de Agassiz.

Deus creou um só typo de homem, isto é, uma só especie mas distribuida em raças differentes, conforme o clima, que é um dos factores principaes da remodelação racica.

Fica á margem o homem polar, ou o *homo monstruosos* de Linneu, entregue á fealdade que lhe deforma as linhas physionomicas...

Não receio adiantar que o homem da Lagoa Santa é o troglodyta brasileiro de milhares de annos mais remoto que o dos *sambaquis* do litoral sul brasileiro, constatando ainda as investigações anthropologicas nacionaes que esses dois typos parecem encontrar similar no selvagem *botucudo*, reputado de raça opposta e inferior á *tupy*, encontrada pelos portuguezes em 1500 na posse da costa do Brasil.

Como Euclydes da Cunha, tenho, a respeito, as mesmas conclusões: "Os nossos selvicolas, com seus frisantes caracteres anthropologicos, podem ser considerados typos evanescentes de velhos autóchtones de nossa terra" (*Os Sertões*, pag. 66).

O sabio Dr. Lund, em 1842, vasculhou, com o seu olhar de mestre, algumas centenas de cavernas troglodytas brasileiras e de suas pacientes pesquisas achou, providencialmente, em commum com os fosseis animaes, alguns restos humanos que con-

stituem o homem da Lagoa Santa. Rocha Pombo assim o descreve: "As reliquias humanas recolhidas em Minas eram perfeitamente authenticas": "apresentavam todos os caracteres physicos de ossos fosseis; eram em parte petrificadas, em parte penetradas de particulas ferreas, o que dava a algumas dellas um lustre metalico parecido com a côr de bronze, assim como um peso extraordinario". (*Historia do Brasil,* Rocha Pombo, vol. II, pag. 76).

Em conclusão, disse o Dr. Lund que a antiguidade desses restos humanos remontava á alta prehistoria, não se conhecendo, em todo o mundo, fossil tão raro e que certifique tão remota idade. Com a formal e insophismavel affirmativa de que a America foi um dos berços mais antigos da humanidade, sustento a these a ser desdobrada, de que as linguas americanas *tupy-guarany, quichua-aymára* e *runa-simi-chimú* emigradas, com o homem americano, para a Asia, através da Siberia, geraram, ali, novas linguas e dahi a semelhança e a affinidade que se deparam a cada balbucio, entre as asiaticas e as linguas americanas.

E é esse élo glottico o ponto de apoio mais poderoso, depois dos laços racicos obtidos pelo cruzamento, dos monogenistas que, negando o autóchtonismo, attribuem á Asia o povoamento da America selvagem.

A prioridade da lingua *tupy*, sobre todas as lingua humanas, é magistralmente sustentada no "Brasil Prehistorico", de Ulysses Pennafort, que mostra, em linguagem convincente, no cap. VII dessa obra, a affinidade das linguas americanas com as *hebraicas, sanskrito, grego, egypcias* e outros dialectos asiaticos.

Pennafort, nesse seu excellente trabalho, revela estar de posse da verdade, que ora defendo, porém della recuou, mais de uma vez, ao recordar-se de que o sacerdote catholico tem o pensamento scientifico tolhido pelo espantalho barbaro do dogma.

"SAMBAQUIS"

O Dr. S. Fróes Abreu é um dedicado archeologo e ethnologo brasileiro que, sem o querer, vai subindo á tona da literatura scientifica, guardando sempre uma simplicidade de sabio nas suas acertadas opiniões, nos seus sensatos conceitos e nas suas pacientes e escrupulosas observações archeologicas, ora no campo geologico propriamente dito, ora no estudo comparativo da industria paleolithica e neolithica do Brasil.

Foi no serviço dessas pesquizas ethnologicas que sentiu o Dr. S. Fróes Abreu a necessidade de percorrer, *in loco*, as ostreiras do sul, no proposito scientifico de fixal-as no mappa ethnographico do Brasil, como o meu amigo Dr. Carlos Estevão, outro estudioso e culto ethnologo, do Pará, vem, ás caladas, fixando no mappa da Amazonia, os ceramios e notadamente os logares onde têm sido encontradas as chamadas pedras verdes

das lendarias amazonas, as *itáobys* ou *muiráquitans* de Barbosa Rodrigues.

O precioso trabalho do Dr. S. Fróes Abreu abrange os sambaquis de Imbituba e Laguna, no Estado de Santa Catharina. Ungindo sempre o seu excellente trabalho de requintada e espontanea modestia, assegura o Dr. S. Fróes Abreu que o *Sambaquis*: "não é o fructo de longos annos de pesquizas, mas o resultado de observações feitas com o maior interesse em deslindar essa nebulosa questão da origem dos sambaquis".

E penetrando familiarmente, o importante assumpto, fere-o, no ponto inicial da formação dos sambaquis, offerecendo ao exame do leitor as duas versões conhecidas: "Uns acreditam que o sambaqui é uma formação natural; outros pensam têm uma origem humana e representam o esforço do homem prmitivo".

Analysando os fundamentos dessas duas correntes, o Dr. Fróes chamou de "naturalista" e "artificialistas", aos que abraçam a primeira e a segunda hypotheses.

E, posta em ordem a materia em estudo, depois de relancear o pensamento sobre a literatura dos sambaquis, de que se occuparam notaveis homens de sciencia, entre os quaes Hermann Von Ihering, Rath, Roquette Pinto, Hartt, Heloisa Torres (formoso talento feminino infelizmente preso

á cosmogonia mosaica), Ricardo Krone, Leefgren, Raymundo Lopes e outros, defensores das duas correntes, entra a emittir sua valiosa opinião arrimada, de quando em vez, ao pensamento de Roquette Pinto, sobre os sambaquis de Santa Catharina, que, pessoalmente, examinou.

Começa, com muita razão, criticando, nos moldes de Sylvio Roméro, o egotismo de Von Ihering, ex-director do Museu Paulista, por se haver gabado de "ter sido o primeiro a descobrir que o sambaqui é um phenomeno puramente natural" e haver attribuido a frei Gaspar da Madre de Deus o "invento" da theoria do artificialismo dos sambaquis.

Essas duas versões são velhissimas no mundo scientifico.

R. Southey, antes de Von Ihering, descrevendo as ostreiras do Brasil, serviu-se das informações exactas que, a respeito, graphou frei Gaspar da Madre de Deus, como poderia ter seguido as referencias, tambem exactas, de frei Vicente Salvador (*Historia do Brasil,* pag. 48), que se occupou desses depositos de mariscos da costa do Brasil.

Ihering sustenta que os sambaquis são de formação geologica.

A presença, nas ostreiras, de instrumentos de pedra, esqueletos humanos e de animaes inferio-

res, carvão vegetal, elle suppõe facilmente explicar...

Os ossos humanos, achados nos sambaquis, seriam de selvagens perecidos afogados...

E os achados neolithicos?

A força hydraulica que reune as conchas, em certo e determinado ponto, como a eolia que, nos desertos de Atacama, aglomera a areia nos medanos do Pacifico, teria, necessariamente, poder para congregar, nestes aterros submarinos, conchas ou outro qualquer material fluctuante ou de facil remoção, mas artefactos de pedra não!

Carlos Rath irmana-se a Von Ihering.

Occupa-se o Dr. S. Fróes Abreu do Dr. Roquette Pinto, illuminado autor de *Rondonia* e *Seixos rolados*, o qual percorreu 23 sambaquis na costa do Rio Grande do Sul, desde proximidades de Tramandahy á villa de Torres.

O aspecto e capacidade desses sambaquis deram ao sabio ethnologo brasileiro, que actualmente norteia o Museu Nacional, a impressão de que, obedeceram a uma formação eolia; ou hydro-eolia: as aguas os fizeram e depois os ventos, despindo-os das areias, os aperfeiçoaram... dando-lhes a feição de "verdadeiras dunas de conchas".

Escoadas as aguas, como aconteceu, post elevação andina, na costa do Pacifico, os selvagens pré-carijós ou pré-guaranys, deparando com essas

elevações dellas se serviram não só para depositar as carapaças resto de cozinha, como tambem os ossos dos que morriam e eram mortos para os banquetes anthropophagos; dahi o ter encontrado o Dr. Roquette Pinto, sómente numa profundidade de 20 centimetros abaixo do nivel superior desses sambaquis, "indicios insophismaveis da actividade humana".

Aliás, esses depositos naturaes de conchas tambem se verificam pelo recuo das aguas dos rios tributarios do rio Amazonas e do Tocantins á semelhança dos que Jacques Morgan, encontrou no deserto, distantes das aguas do Nilo, inattingiveis pelas mais altas cheias, conforme nos mostra, pacientemente, o erudito Dr. S. Fróes Abreu, no *Sambaquis*.

O Dr. S. Fróes Abreu fez retirar do sambaqui da Carniça, que emerge de uma planicie humida e é formado de carapaças de sernamby, ostras e cardium, ossos humanos fossilizados; vertebras de espinhas de peixe fossilizadas; ossos de cetaceos fossilizados, apresentando signaes de fogo; fragmentos de carvão de madeira, dentro de conchas e em conjunto com espinhas de peixe e fragmentos de rochas diabasicas, com e sem vestigio de trabalho humano.

Esses achados indicam que o "Carniça", per-

tence á ordem dos sambaquis artificiaes, ou talvez á dos naturaes artificializados pelos selvagens.

O vocabulo sambaqui, provindo do tupy-guarany, significa, segundo Theodoro Sampaio: jazida de ostras; deposito de cascas de ostras e de outros mariscos, utilizados pelos aborigenes que viveram á beira-mar.

O padre Constantino Tastevin, profundo conhecedor do neengatú da Amazonia, diz que *tambaky* é um dos melhores peixes do rio mar e significa tambem *"montão de conchas"*.

Rematando a apreciação de tão util trabalho scientifico, do Dr. S. Fróes Abreu, confesso-me partidario do ponto de vista enunciado pelo Dr. Roquette Pinto, que admitte as duas hypotheses: *natural* e *artificial*, da formação dos sambaquis, segundo observa o Dr. Fróes Abreu.

Acredito que se deve ao mar e ao vento a formação de muitos desses depositos conchilliferos.

Recuadas as aguas constructoras, ficaram descobertos, ao lado das dunas de formação eolia, os sambaquis, que o vento, solicito, escoimou da areia.

Em tempos inmemoriaes, o autóchtone americano das praias e planicies, habituado a construir aterros para suas necropoles, que de preferencia, eram nas ilhas, achando já feitos, pela natureza, os aterros de conchas, que chamavam *tambaqui*, nelles depositaram os seus mortos, com os manti-

mentos, artefactos lithicos, objectos de barro, armas primitivas, cobertos com os mariscos que consumiam nas suas refeições.

A natureza, que os attrahia á fartura das praias, os ensinou a construir outros sambaquis semelhantes aos que o mar lhes offereceu, para suas necropoles.

Ademais, o aborigene enxergou a conveniencia de deitar as carapaças dos lamellibranches e gasteropodes, de que se serviam, num só logar, para limpar as terras desses despojos marinhos, sempre inconvenientes aos que andam descalços.

Imbuido da leitura que tenho feito das ostreiras e conchaes e orientado pelo excellente livro *Sambaquis*, do illustrado ethnologo e archeologo Dr. S. Fróes Abreu, em consonancia com as minhas observações feitas nos depositos de carapaças de molluscos do litoral do Pará, entendo, salvo melhor juizo, que poderemos dividir o estudo dos sambaquis, que têm origens geologicas, nas seguintes etapas:

a) *Itásambaquiassú*: as ostreiras primitivas transformadas, num golpe de geologia dynamica, em bancos calcareos, como os paredões calcareos, que abrangem muitas milhas quadradas, encontrados pelo Dr. Carlos Hartt, em 1871, algumas milhas acima de Itaituba, no rio Tapajós, no Pará, e os de Paranahyba e Pirapora, no Estado de São

Paulo, estudados, em 1803, pelo naturalista Martin Francisco Ribeiro de Andrada.

b) Sambaquis naturaes, quaternarios e post quaternarios, de que se apossaram os selvagens da costa proseguindo a sua monumental construcção, addicionando a esses outeiros de conchas, na parte superior, ossadas humanas, carapaças de molluscos, ossos de animaes, restos de cozinha, louça de barro e carvão.

Nesse numero podem ser classificados os sambaquis de Rio Grande do Sul, superiormente estudados pelo Dr. Roquette Pinto.

c) Sambaquis artificiaes, modelados pelos naturaes e de formação pré-colombiana, nos quaes apenas se encontram cascas de mariscos comestiveis, artefactos aborigenes de mistura com ossadas humanas e restos de animaes e de cozinha. Nessa ordem podem figurar alguns dos estudados pelo illustrado ethnologo Dr. S. Fróes Abreu e constantes de seu livro *Sambaquis*.

d) Sambaquis artificiaes, recentes depositos de conchas, comestiveis, lamellibranches de preferencia, restos de cozinha, como o "pseudo sambaqui" Araruãma, de Cabo Frio, descripto pelo Dr. Fróes Abreu no seu utilissimo livro *Sambaquis*.

A idade do *Sambaqui*, como a idade da terra, é revelada pelos fosseis nelles encontrados.

As *camadas* de *conchas* do typo de Guaratiba (Districto Federal), indicado á pag. 32 do *Sambaquis,* do Dr. S. Fróes Abreu, parecem, tambem, de formação marinha e bem podem ser classificados de bancos conchylliferos ou sambaquis, surprehendidos pelo escoamento das aguas, quando em plena formação.

Iguaes a esse de Guaratiba ha, em Salinas, Pará, o banco de *Piquiuíra,* que tem dois metros de altura acima do nivel do mar e occupa uma extensão de 100 x 100 metros, mais ou menos, e se compõe de ostra commum, sernamby (*venus*), cupaxys (*cerithium*) e fica ao meio de um apécum (igapó marinho), banhado pelas aguas das grandes enchentes.

No Pará, a esses depositos de carapaças de ostras, serinamby (seri — orelha, sernamby) e cupaxy, que se encontram no alveo do braço de mar Urindeua, em Salinas; na ponta Marietta, na ilha do Marco, em Maracanan e nas margens do igarapé da Cal, na ilha Ipomonga, em Curuçá, se chamam "*Minas*". A da ilha do Marco tem mais de dois metros de altura e mais de duzentos de extensão, sob igual largura.

Registrando os meus parabens, ao Dr. S. Fróes Abreu, pelo triumpho alcançado com o *Sambaquis,* cabe-me ainda salientar o seu brilhante es-

tylo que inspira ao leitor o desejo insopitavel de proseguir até ao fim a leitura de seu trabalho, tal é a fluencia magistral com que soube temperar a aridez scientifica da materia analysada.

O CULTO DE TUPAN

Tupan — a luz — é um velho Deus americano, adorado grandemente no Brasil pelos tupys-guaranys e seus numerosos anãmas.

Com a palavra Tupan o homem selvagem expressava o poder, occulto e sobrenatural, que governa o mundo e equilibra os astros.

Vocabulo quichua-tupy, Tupan póde significar pai de Pan, de TUB, pai e PAN, do mesmo modo, que na fórmula Tupa, muito usada e talvez mais antiga, póde exprimir: pai dos que se acabaram: de TUB, pai, e PAUA', acabar.

O philologo Fernão Cardim, mestre do padre Antonio Vieira, rejeitando a opinião de Montoya (TU interjeição e PANG, interrogativo) entende haver descoberto a verdadeira origem do vocabulo Tupan, nas vozes TUB, pai, e ANG, pai das almas.

O padre Cardim, em sua obra, *Do principio e origem dos indios do Brasil,* escripta em 1584, pagina 3, diz:

> "Não têm nome proprio com que expliquem a Deus, mas dizem que Tupan é o que faz os trovões e relampagos, e que este é o que lhes deu as enxadas, e mantimentos, e por não terem outro nome mais proprio, e natural, chamam a Deus, Tupan".

Admittindo-se como verdadeira a primeira hypothese, teremos de fixar que o Deus Pan, dos gregos, seria filho de Tupan, que era o grande Jupiter da mythologia da America do Sul, onde sua crença se expandiu em toda a costa atlantica desde o Panamá á Patagonia.

Parece encontrar essa hypothese forte apoio no vocabulo Panãma, graphado Panamá.

Panãma é palavra hybrida grego-tupy, composta de PAN — tudo, Deus e ãma, patria — patria de Pan.

Assim firmado, raciocinarei: se Tupan é pai de Pan, e Panamá é a sua patria, Pan é filho de um Deus americano, nascido em Panamá, e dahi emigrado com as levas do homem americano, em

éras desconhecidas, pela America do Norte e através da Siberia, rumo do chamado velho continente.

Aliás, a affinidade entre o grego e o tupy está flagrantemente constatada nas denominações de varios accidentes geographicos da America, notadamente da Amazonia, e nas raizes, prefixos e suffixos de muitos vocabulos perfeitamente identicos, no grego e no tupy, traduzindo, exactamente, o mesmissimo sentido, como PAGE' (tupy) feiticeiro, PAGE' (grego) engoda, laço; OCA, casa; OICO, casa; PA,O, verbo acabar, PA,UO, cessar, acabar; CATU', bom; GATU', bom, e muitos outros enumerados, pacientemente, pelo conego Ulysses Pennafort, no *Brasil Prehistorico,* pagina 291.

Pan, da egloga de Virgilio, significa tudo, e era filho do Céo e da Terra.

Os estoicos diziam que Pan era o Universo ou a propria Natureza.

O povo grego o suppunha o Deus das florestas, o qual, em épocas inmemoriaes, havia seguido os deuses egypcios ás Indias, onde ensinara a guerrear por meio de alas, dahi o ser chamado, pelos gregos e latinos, os córnos dos exercitos.

Decaido depois, seu poder se restringiu aos campos, como protector dos pastores e rebanhos.

Materializado num bode, *representavam seus chifres os raios do sol; a vivacidade de sua tez exprimia o fulgor do céo; a pelle malhada symboli-*

sava as estrellas e os pés e pernas, eriçados de pellos, designavam a parte inferior do mundo — a terra, as arvores e as plantas.

Os autóchtones paraguayos, tinham, como os de toda a America, o culto do Deus Pan, que algumas tribus, de origem tupy, chamaram Tupan, e, como na mythologia grega, sua imagem lembrava a figura dum fauno chifrudo de longas barbas, pés de cabra e mãos humanas, os selvagens Mapais, que tambem com essa feição o imaginavam, saturados das tradições pre-aymáras, diante dos bodes e cabras que Nuflo de - Chaves levava do Perú á Yrala, em 1542, tomaram-se de pavor mystico e deixaram em paz os hespanhóes, sob a guarda daquelles animaes "sagrados", cujo barulho nocturno os aterrava...

A segunda hypothese, que formulo, não tem relações com a mythologia grega; encara o vocabulo sob seu aspecto nativo, nas suas possiveis origens tupicas; de TUB, pai, e PÁUA, acabar; pai dos que se acabaram.

Os tupys eram partidarios da immortalidade da alma e acreditavam que os mortos se communicavam com os vivos por intermedio dos pagés, seus sacerdotes e feiticeiros.

Os compendios de Historia do Brasil são unanimes em assegurar que os tupys, que Rocha Pombo acha de costumes analogos aos germanos, ti-

nham a idéa dum ente supremo que a elles se revelava no ribombar do trovão, na chamma azul dos relampagos e na furia das tempestades, que ennegrecem os céos, enfurecem as aguas e dilaceram as florestas.

Dahi o chamarem Tupá-cinunga ao trovão e Tupá-beraba ao relampago, e simplesmente Tupan á força mysteriosa que os produzia.

O pagé, vibrando o maracá, appellava para Tupan, quando suas pussangas, manipuladas de hervas e raizes medicinaes, eram impotentes á cura de seus clientes.

Esse costume selvagem vigora ainda hoje entre os civilizados (de todo o mundo), que fazem promessas aos santos milagrosos, quando se vêm desenganados dos medicos ou buscam as aguas maravilhosas do espiritismo e os invisiveis *passes* das sombras...

Apesar de se poder explicar, pelo estudo glottico, que Tupan é um vocabulo tupy, eu tenho minhas duvidas a respeito. Inclino-me a suppor que, Tupan nos veio do quichua, Amazonas abaixo.

Lançando um olhar á lista dos primitivos reis peruanos, organizada por Montesinos e divulgada no livro *Los Incas del Perú,* de C. R. Markham, encontrei o vocabulo TUPAC, nome e sobrenome de varios monarchas pré-incaoáras.

Tupac Capac VII, da dynastia de Pirua Pakari Manco, que se iniciou 1.300 annos antes de J. C.

Aos Piruas succedeu a dynastia dos Amautas (sabios) com a ascendencia de Lloque Tupac Amauta (I) XIX.

Com o nome e sobrenome de Tupac ainda encontram-se:

Titac Tupac XXIII; Tupac Yupanqui XXXI; Auqui Tupaqui Pachacuti (IV) XXXII; Tupac Amaru Amauta XXXVIII; Illa Tupac, XL; Tupac Amaru XLI; Huampar Sayri, Tupac XLIV; Tupac Curi Amauta LIV; Tupac Yupanqui LXXI, Huayma Tupac LXXX, Tupac Cauri Pachacuti VII, todos anteriores á fundação da dynastia dos Incas, que se inicia com Rocca I, apparecendo outra vez o nome de Tupac no rei Huiri Cocha — Tupac Yupanqui VII e em Tupac Yupanqui VIII, o maior de todos os reis incaoáras.

Dahi o concluir-se que o nome Tupac, que significa luz, brilhante, resplandescente, fulgurante e cortante, era muito usado pelos reis peruanos. Tupac é um vocabulo não modificado, que atravessou incolume mais de 4.000 annos, quer na runasimi, quer na colla-suyu, quer no quichua.

Vemol-o sempre em funcção distincta de nominar e qualificar os reis ou denominando o es-

tandarte e as armas reaes, esculpidas em ouro — Tupac Yauri.

O eminente Sr. Rocha Pombo (*Historia do Brasil*, volume II, pagina 85), magistralmente enuncia:

> "Sem indagar da significação do suffixo an (ANG alma), o que podemos ter como certo é que na palavra Tupan ha alguma coisa que exprime LUZ, BRILHO, CLARIDADE, ESPLENDOR ALTO".

Depois da chegada dos jesuítas, appareceu no Brasil a fórmula Tupãna.

Os padres da companhia, mostrando aos selvagens Jesus crucificado e dizendo-lhes que aquelle symbolo era Tupan, o mesmo Deus que todos adoravam, provocaram um immediato e logico neologismo dos tupynambás, que chamaram Tupãna áquella imagem, isto é: semelhante a Tupan (Na, semelhante), que adoravam.

Certificou-me disso a observação que fiz, em 1919, na aldeia Uruaim, acima da 32.ª cachoeira do Rio Gurupy, aonde, alguns tembés chamaram á minha presença, a imagem de Nossa Senhora de Nazareth, Tupãnacy, mãi de Deus e a do Menino Deus Tupãnay.

A Jesus conheciam por Tupãnauassú e aos demais santos simplesmente por Tupãna, addicionando-lhes o vocabulo CUSE', quando era santa.

Os botucudos (tapuyas) tambem adoravam a luz, no culto ao sol, que chamavam Tarú, e (segundo Denis) *quando começam a abraçar o christianismo, involuntariamente ao sol attribuem o que se lhes diz da Divindade.*

O vocabulo tupy, que dominava a grande raça autóchtone maritima do Brasil — irmã gemea da carahyba, que se desdobrava do alto Xingú aos Appalaches — é derivada de Tupan ou Tupac.

O selvagem, adorando a Tupan, com elle se queria parecer, e, por isso, se chamou Tupá-y, pequeno Tupan ou deste protegido; dahi a fórmula tupy que vem a ser a imagem viva do Deus que lhes apparecia na luz do sol, da lua e das estrellas e lhes falava arrogantemente pela voz austéra dos trovões.

E' muito commum o caboclo brasileiro se dizer que é filho de Deus e da Lei! E' um costume que lhe veiu das tabas.

Na aldeia Jupuúba, no alto Guamá, tive, em 1920, occasião de deduzir o enunciado acima exposto ouvindo do tucháua, cap. Travado esta declaração peremptoria, da vaidade dos tupys: *Nós sômo tembé — beiço furado — filho de Tupy e neto de Tupá!*

Essa revelação destróe a idéa vehiculada pelo padre Constantino Tastevin, que pretende, ridiculamente, traduzir Tupynambá como parente de anta (tapir), quando aquelle vocabulo está claramente dizendo o que é: Tupy + anãmá, parente de tupy, que vem a ser o selvagem que se tem na conta de semelhante a Deus pequeno.

Firmando a opinião de que o Tupan dos tupys é derivado de Tupac, quichua, cabe-me assignalar que esse vocabulo nos foi transmittido do Perú, no dominio dos Incas, pelos Collas e Lupacas, quando, no tempo do rei Tupac Yupanqui, em grandes massas, povoaram os valles orientaes do alto Amazonas, e pelos Chancas, homisiados no baxo Huallaga e vencidos de Tupac Yupaiqui, cujo nome os seus descendentes Cholones Mokilones e Lamistas pronunciavam com pavor aos selvagens vizinhos, que o reputavam um semi-Deus, flho da luz e do sol — Tupac!

Tupan, foi, no Brasil selvagem, um Deus de culto desconhecido (1).

(1) Nóvos estudos glotticos me inspiraram a publicar na "Folha do Norte", de Belém do Pará, em tres artigos, o meu estudo "Tupan, Deus dos Tupys", acceitando como verdadeira a versão do mestre Cardim (Fernão), de que Tupan é o pae das almas, ou melhor, a Alma do Pae: **Tub:** pae e **ang:** alma. Jorge Hurley.

OS BÓDES DE YRALA

Desde a creação do mundo o bóde, que é o esplendido capitary da cabra, vem culminando, de escandalo, as chronicas prehistoricas, antigas, medievaes, modernas e hodiernas, accusado de sensualismo e tem dado logar a incontaveis historietas da bohemia estragada e a anecdotas obcenas, que depõem, burguezmente, de seu honrado nome.

No entanto, ao Sr. bóde, pela sua circumspecta physionomia e pôse austeras, a natureza legou, naquellas longas barbas, patriarchaes, quasi humanas, a semelhança flagrante do Padre Eterno dos hebreus.

Nas palestras livres, remotas e actuaes, o bóde só é lembrado ao serviço do deboche, da pornographia e da satyra canalha em que é vilmente calumniado.

Todo o mundo fala mal do bóde; da sua catinga aphrodisiaca, dos seus incuraveis espirros e

"purrutes" levemente immoraes; do seu olhar lascivo quando, em extase pantheista, se entrega aos labores sagrados do amor, e do seu gesto lithurgico quando, futurista e cynico, volve os olhos mortos, cabelludos, ao céo, exhibindo, irreverentemente, a dentarra amarellada, pelo arregaçamento franzido dos labios, como que mostrando aos astros que não ha, no mundo, melhor rapé do que o "cheirume" peccaminoso da cabra, sua paciente e fecunda companheira, pela qual revela, numa adoração positivista, o verdadeiro culto da carne!

Entretanto, ha um facto historico passado na America que rehabilita o bóde e o sagra protector dos hespanhóes, bandeirantes de Yrala, na jornada, de retorno, do Perú ao Paraguay.

Pelas éras post-neolithicas, em 1542, erravam nos ygapós da planicie amazonica Hernando Ribeira, emissario de Cabeça de Vaca e Nuflo de Chaves, preposto de Yrala, grande chefe militar dos dominadores da America, no Pacifico, na pista das riquezas das "Amazonas", de Orellana, o famoso lendologo das mulheres guerreiras do Maranhão dos Incas.

Atiçado o appetite dos bandeirantes hespanhóes pelos autóchtones MAPAIS, que lhes regalaram com quatro grinaldas e testeiras de prata e tres formosas espiães, e salva a expedição da

traição, estrategica, desses selvagens, desceu Nuflo, em etapas de quatro leguas diarias, até as serras do Perú conseguindo assim estabelecer a ligação do Prata com as nascentes do Amazonas.

Nuflo de Chaves, quando regressou do Perú á Assumpção, introduziu no Paraguay a cultura do gado lanigero e caprino provindos das terras incaicas.

Foi, nessa jornada, que o bóde, com seus espirros ruidosos, á semelhança da aranha biblica, salvou os hespanhóes da cilada nocturna dos MAPAIS.

Os autóchtones paraguayos tinham, como os de toda a America, o culto do Deus Pan, que algumas tribus, como a dos tupys, chamam Tupan, e, como na mythologia "atlantida" emigrada, com o homem primitivo, através da America, para a Europa e adoptada pelos gregos, que o suppunham filho de Mercurio, e da nympha Penelope ou do Céo e da Terra, sua imagem, materializada, lembrava a figura dum fauno chifrudo e de longas barbas, pés de cabra e mãos humanas elles, que tambem com essa feição o imaginavam, saturados das tradições americanas guardadas pelos Incas, deante dos bódes e cabras que Nuflo levava á Yrala tomaram-se de pavor mystico e os deixaram em paz guardados por aquelles animaes "sagrados",

cujo barulho nocturno (Southey — Hist. do Brasil, 1.º vol., pag. 247) os aterravam...

Esse facto não será sufficiente para rehabilitar o bóde?

A CONFERENCIA DE GEOGRAPHIA

Ao Exmo. Sr. Conde de Affonso Celso, dignissimo presidente do Instituto Historico Brasileiro.

O estudo da geographia, no Brasil, acaba de receber o alvitre de uma nova orientação didactica introduzida pelo illustrado Dr. Othelo Reis, professor de Cosmographia do Gymnasio Pedro II, o qual inspirou a convocação do Instituto Historico e, em conferencia, offereceu á consideração dessa util instituição das letras nacionaes um projecto, brilhante e engenhosamente justificado, de modificação da graphia e prosodia dos nomes geographicos, simplificando-os, sob algumas fórmulas philologicas acceitaveis, na sua nomenclatura vocabular.

Foi presidida pelo Sr. barão de Ramiz Galvão, autoridade acatada universalmente em as-

sumptos historico-geographicos, a assembléa douta que homologou o canon philologo-geographico do illustre Dr. Othelo Reis, que se revelou, nesse trabalho, tão synthetico e erudito quão meticuloso na difficil arte de educar e instruir a mocidade.

Observei, no entanto, que a insinuação proposta no *item* 9.°, para que seja graphado *oiapoque* não se harmoniza com a origem desse vocabulo. A proposito, reproduzo um estudo meu, de nenhum valor e pouca divulgação, ácerca da etymologia dessa palavra tupy:

"OYAPOC NÃO TEM K — Esse formoso rio internacional, *pivot* da questão do antigo contestado entre o Brasil e a França, divisa natural entre Guyana Franceza e o Brasil-norte, não foi buscar a etymologia de seu nome nas fontes suspeitas e illogicas, creadas pela imaginação fecunda do sabio ethnographo e philologo das linguas indigenas brasileiras Carl Von Martius.

A' primeira vista póde parecer aos descrentes da minha competencia, no assumpto de que vou tratar, e aos presumidos sabedores da materia a correr, que vão assistir a um desastre literario. Eu quero que pensem assim mesmo os enfatuados e os nullos... Posso, porém, desde já garantir que, serenamente, desbordarei a these philologica OYAPOC NÃO TEM K.

Martius, o venerando autor do *Glossaria Linguarum Brasilienssium*, nesse livro, á pagina 517, diz: *Oyapoc, Oyapoque* (Pará, Rio), *ajah* — abrir-se por si, *poq* — rebentar: dissilire. *Alis oyapuça* macaco callithrix discolor.

Raja Gabaglia, na sua esplendida obra "As fronteiras do Brasil", paginas 90 e 91, diz:

"O rio *Oyapoc* é tambem chamado Vicente Pinson, por ter sido descoberto por esse grande viajante em 5 de Abril de 1500. Observa Rio Branco que *Oyapoc* é o nome indigena e actual do rio e "Vicente Pinson" é o nome secundario e accessorio.

A palavra *Oyapoc* tem sido graphada de diversas maneiras: *Yapoc, Wiapoc, Wiapouco*, etc., e muitas paginas se têm escripto ácerca da origem de seu nome. Não será pelo estranho animal *oyapoc* (chironectes palmatus), que nelle existe abundantemente e só ahi é assim chamado?

O barão de Marajó, no seu util compendio "As regiões amazonicas", sob o titulo Rio *Oiapoc, Oyapoc, Japoc* ou *Yapoc*, diz: "E' este o rio, ao qual, além das denominações acima, foi dado o nome de Vicente Pinson. Nada mais informa quanto á origem do vocabulo.

O barão do Rio Branco — o chanceller immortal — que com sua solida cultura diplomatica defendeu, com o ouro de sua incomparavel logica,

o patrimonio nacional ameaçado de mutilação, na sua obra *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française* — memorias documentadas apresentadas ao Gouvernement de la Confédératon Suisse, arbitro supremo no litigio das terras do Amapá, contestadas entre a França e o Brasil, T. IV, paginas 23 a 35, transcreve:

> "Descreverão varios cosmographos ou pilotos de diversas nações a todo o proposito este Rio de Vicente Pinçon, que com attentos olhos o experimentaram. Eu o descreverei como o achei, quasi por partes em Laet (In. Occid., descrip. D'Avity (in America meridional p. III), Harcourt, Moquet, Samuto, Linschot, Ralegh, Knivet, Candish, Kemnys.
>
> Poucas são as particularidades que accrescentando tenho mesmo das seguras informações dos de Cayena, Francezes que continuamente o passão.
>
> Ao *Rio Pinson* os geographos dãm ainda varios nomes, querendo se accommodar aos varios usos das linguas dos Indios Incolas, mas sempre he mesmo. Harcourt Ingres o chama *Wiapoc*, Moquet: *Yapoc*.
>
> As cartas francezas, escreve D'Avity, o nomeão *Vaiabógo*,

Commummente e melhor corre *Oyapoc*, que quer dizer o mesmo que *Oyapucú* ou *Oya grande*, a distincção de *Oya mirim*, ou *pequeno* rio da terra firme mais proximo a ilha Cayána, e que (creo, o Ricciolio tem por o mesmo Rio dito Cayána".

Vejo, enxergo a olhos nús, na fórmula *Oyapucú*, *Oya grande* e *Oya mirim*, — *Oya pequeno*, apesar do aspecto brasileiro que a reveste, o carvão malandro de uma brasa extincta, posta ao serviço da "sardinha" franceza... E' certo que ha um pequeno senão na traducção: *pucú* na lingua *tupy* significa comprido; grande, é *uassú*.

Todos os que estudam a geographia da America certo saberão que *Oyac* e não simplesmente *Oya* (que, sem c, é uma povoação de Pontevedra, na Hespanha) é um rio da Guyana Franceza. Nasce com o nome de *Comté* 4° 6' Lat. S. e 43° 29' Long. O. e segue a direcção N. E., depois desvia-se para o N., já sob o nome de *Oyac*, e nas proximidades do 4° 46' segue novamente para N. N. E., lançando-se no Atlantico com o nome de *Mahury*.

Paul Laport, no seu livro *La Guyane des Ecoles*, apesar de escrever Oyapoc com k, refere-se ao *Yapoc* (*chironettes yapoc*) interessante macaco que dizem emprestar o nome a essa rio!

O padre Raphael M. Galanti, na sua "Histo-

ria do Brasil", tomo III, pagina 464, depois de brilhantemente narrar as complicadas demarches havidas entre a França e o Brasil, a proposito das terras do *Oyapoc*, perde a linha austéra de mestre em que se equilibra, quando affirma: "... é impossivel que "o Japoc de Utrecht fosse o Araguary, segundo mais tarde pretenderam os francezes, os quaes até chegaram a dizer que *Japoco*, *Japoc*, *Yapoc*, e *Oyapoc*, é o nome generico da lingua tupy que significa *rio* em geral..."

Galanti, incontestavelmente, um bom historiador patrio, criticou impensadamente, aos francezes, uma verdade, com relação á etymologia do vocabulo *Oyapoc*: foi a unica coisa em que estavam certos na questão do antigo contestado: a palavra *Oyapoc* é, de facto, derivada do *tupy* e os francezes, desnaturando-a, lhe addicionaram na cauda um *k* inexpressivo e estranho e dahi veiu a graphia exotica e escandalosamente errada, mantida até em documentos officiaes — *Oyapock* com *k*.

Em fins de Setembro do anno de 1921 eu lia na séde da Colonização do Oyapoç, hospede do distincto engenheiro gaucho Gentil Norberto, no meu francez de preparatoriano phosphoro e vadio a melhor obra do grande sertanista Henri Condreau, *Chez nos indiens quatre annés dans la guyane française*" (1887-1891), quando achei á pagina

450 a origem do vocabulo *Oyapoc*, por um esforço de analogia. Disse Condreau: "La *première nuit ou dort á embouchure du PINOC, ainsi nommée de ce qu'une case couverte en feuilles autrefois: Pino-caumou* (bacaba na lingua criola) e *óca maison*".

Pinoc, que é um *ygarapé* do alto *Oyapoc*, margem franceza, foi a chave maravilhosa da descoberta. Lembrei-me dos *Oyampis* e de *óca*, liguei os dois vocabulos e compuz *Oyampoca*, casa de *Oyampis* ou logar de *Oyampis!* Estava descoberta a etymologia de *Oyapoc*. A "ferrugem" do tempo roeu-lhe o *m* de *Oyam* e o *a* de *óca*...

Ha, na chorographia brasileira tantos exemplos iguaes que, para não ir muito longe, basta citar uma ilha vizinha de Belém — *Tatuóca*, casa ou furna de tatú; no Ceará, ha a serra *Meruóca* — casa de moscas, mosqueiro; no rio Tocantins estão as *Itabócas*, casas de pedra, etc.

Ademais, nos documentos firmados por Dr. João III, cartas regias, alvarás, de Portugal, o rio Vicente Pinson apparece com o nome de *Oyapoca* e tambem assim o graphou Felippe IV, em resolução de 13 de Abril de 1633, e em 1637, quando doou a Bento Maciel Parente *trinta ou quarenta leguas de districto e costa que se contão do cabo do Norte athé o Rio Vicente Pinson*.

Os *Oyampis*, descendentes da grande familia

tupy-caribe, foram os primeiros habitantes do Rio *Oyapoc;* esses indigenas alcançaram esse rio, expandindo-se pelo curso dos rios Yary e Parú, aguas acima, rumo do occidente, levando áquellas ribas orientaes de Tumuc-Humac, a influencia nacional da lingua brasileira, ou vieram das Antilhas, o que é mais certo.

O nome *Oyampis* deriva-se do verbo obedecer, vem de *Oyapó* (tupy) *Oyapoy* obedientes.

De facto, é apreciada no *Oyapoc* e cercanias a tribu *Oyampis*, pela caracteristica especial de disciplina — *Oyapo-i* — *Oyampi* — humilde, o que obedece até nas pequenas coisas...

Mas, ainda não é tudo. Urge alargar as pesquisas sobre dois pontos:

Os *Oyampis* falam a lingua *tupy?*

Os *Oyampis* habitaram ou habitam o rio *Oyapoc?*

Não tenho receio de affirmar, com a responsabilidade de meu nome, que os *Oyampis* falam a lingua *tupy*. A lingua dos *émerillons*, abás que habitam as guyanas, é derivada do *tupy*, empregando mesmo esses selvagens, em sua dialectica, muitos vocabulos *tupys*.

Quem, por ahi, se não conformar com essas affirmativas que recorra ao livro "*Vocabulaires Méthodiques des langues Ouayna, Aparai, Oyampi, Emerillon*", de Henri Condreau, paginas 76 a

130, publicado em 1892, e lá encontrará a confirmação do que digo, e, se tiver mais confiança na *Kultura* allemã, abra o *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, de Martius, paginas 320 a 324, e achará um pequeno vocabulario Oyampi... que confirmará os meus argumentos.

O segundo ponto é o do domicilio. Basta abrir-se qualquer carta franceza, de Crevaux de Brousseau, ou de outro qualquer autor escrupuloso, para se encontrar, quasi sempre em letra maiuscula, a palavra OYAMPIS, assignalando, no alto *Oyapoc*, lado brasileiro, o remoto habitaculo desses selvagens.

E, quando os mappas geographicos me não fossem documentos convincentes, robustos meios de prova plena, recorreria a Jules Gros, e manuseando seu livro *Les Français en Goyane*, pagina 199, e me convenceria, então, que os *Oyampis* sempre moraram no dito *Oyapoc*. Diz Gros:

...3.° — *Le cachipour* (Cassiporé), *grand et beau cours d'eau qui a été parcouru, en partie, par le capitaine Blanc en* 1882 *et qui prénd probablement ses souces aux monts Tumuc-Humac, dans le pays des indiens* OYAMPIS".

Gros foi mais longe, mostrou que os *Oyampis* desdobravam suas *tabas* até as varzeas auriferas do Cassiporé, ao mesmo tempo que se infiltravam pelas Guyanas Franceza e Hollandeza.

Hontem, com a invasão franceza, depois da descoberta do ouro em Calçoene, os *Oyampis* subiram, espavoridos, o *Oyapoc*, — sua casa — e se foram postar, falando, heroicamente o *tupy*, em suas nascentes. E' ainda Condreau que diz: "O rio *Souanre* é considerado pelos *Oyampis* como o filão dagua geratriz do rio Oyapoc".

Recordo-me bem desse dia em que descobri a etymologia de *Oyàpoc!* Consultei as horas. Era 1 h. 20' de 22 de Setembro! Colleccionava eu varias notas para o "Visões do Oyapoc", quando o *uirapurú* desatou o seu mavioso canto na orla da quebrada da mattaria proxima — um verdadeiro turbilhão de tonalidades tremulas, que encheram a minh'alma e o meu coração de patriota errante, de enlevo, de coragem, de amor e de poesia.

Foi, então, que comprehendi, na grandeza de Deus, que a Patria fala, sorrindo, a seus homens validos, tambem pela voz cantante dos passaros.

Demonstrando de modo assás obvio a origem do vocabulo actual *oyapoc*, cabe-me pedir ao douto Instituto Historico e Geographico Brasileiro que decrete, a bem da verdade prehistorica da região, a reconstituição da palavra que designa o formoso lindeiro descoberto por Vicente Pinson, então conhecido e nominado pelos autochtones paraóaras por OYAMPÓCA — de OYAMPIS + ÓCA =: CASA DE OYAMPIS.

Assim vê-se que esse vocabulo escapa á fórmula prescripta pelo alludido *item* 9.º porque não termina em C em K ou CK, como por esse immenso Brasil se suppunha, mas em ÓCA.

Já que feri a tecla querida da nossa verdadeira lingua mater — a lingua *tupy* ou *guarany* — permitta-me o illustrado Dr. Othelo Reis, amparado nos elevados sentimentos de amor da historia patria, fazer algumas consideraçes á margem de seu interessante trabalho, a que me reporto.

Noto que os *itens* 3.º, 4.º, 13.º e 14.º modificando, radicalmente, a graphia dos nomes aborigenes e africanos das saliencias, depressões, rios e outros accidentes geographicos do Brasil, importam na impiedosa destruição dos melhores documentos philologicos das nossas origens, antes de que sejam ellas conhecidas pela nossa incommensuravel ignorancia em materia de ethnologia patria.

A sciencia ha, positivamente, demonstrado que só a geologia, a archeologia, a ethnologia e a philologia têm, combinadas, podido illuminar as trévas biblicas, que sepultam, na innocencia da lenda, os mysterios da vida prehistorica.

Entre nós essas sciencias historicas permanecem em estado primario de sua cultura.

Sómente a philologia e a archeologia têm feito moroso progresso...

Conservemos, pois, os nomes selvagens com a pureza relativa de seus sons primitivos.

Deixemos ao Y *tupy*, final, o seu som de U allemão, francez e lombardo e que valha tambem os dois ii! Não enxertemos, tampouco, letras que a lingua geral do autóchtone brasileiro nunca teve, como o J...

Tenhamos em vista que, se a sciencia da linguagem não houvesse sido tão tardiamente revelada, com a descoberta do sansckrito, lingua antiga da India, já estariamos mais proximos da descoberta da origem do homem americano...

E, assim pensando, acho que, por ora, não se deve alterar a graphia dos nomes selvagens no Brasil, porque esses vocabulos são do patrimonio sagrado da nossa prehistoria, abandonada e ainda não escripta, e foram applicados á geographia brasileira em éras desconhecidas e vêm atravessando intactos, virgens da profanação pedagogico-mutilante, quatro seculos de civilização!

Edifiquemos, primeiro, a base fundamental da nossa historia...

O bravo general Rondon, depois de acceitar a minha etymologia do vocabulo Oyapoc, constatada nas legendas elucidativas do film "Rio Oyapoc", que em fins de 1928 fez passar no "Oympia", em Belém, e ao qual eu assisti, com minha familia, não sei porque razão, adoptou, sem fundamento glottico-historico a formula **Oyapucú**, graphada, varias vezes, na sua conferencia "A Estrada de Rodagem Macapá-Clevelandia". A S. Ex. cabe agóra ensinar porque assim o escreveu! Jorge Hurley.

LINGUAS QUICHUA E TUPY

De todas as linguas americanas, as que maiores extensões geographicas conquistaram, foram as quichua-tupy, linguas irmãs, que constituiam, a dialectica autóchtone sul-americana, e sobre o dorso das montanhas galoparam, de polo a polo, desde a Patagonia, ás terras de Alaska.

O ethnologo brasileiro Couto de Magalhães, no "O Selvagem", assegura que "nenhuma lingua primitiva do mundo, nem mesmo o sanskrito, occupou tão grande extensão geographica como o tupy e seus dialectos".

E diz que seus dominios partem do Amapá ao Rio da Prata, numa extensão de mil leguas e desde o cabo de São Roque até ao Javary, numa extensão de mais de oitocentas leguas.

Essa extensão, que póde ser a fonte patria de sua irradiação, como a de Tucuman até Quito, comprehendendo a Bolivia e parte do valle do

Amazonas, foi o berço da quichua, porque tudo indica que seus limites, como os desta, ultrapassaram as terras americanas.

O philologo Theodoro Sampaio, seguindo á orientação de Freire Allemão (um incipiente nas suas "Questões propostas sobre alguns vocabulos da lingua brasiliana") prestou ao estudo da ethnologia nacional um imperecivel serviço com a publicação do seu livro *"O Tupy na Geographia Nacional"*, que, operado d'alguns aleijões, que o afeiam, é, no conjunto, um monumento precioso de uma das mais remotas linguas americanas.

Paulista, talvez, Theodoro Sampaio, não poude fugir ao sentimento de justo orgulho que tem todo o filho de São Paulo e dahi o dizer no cap. I de sua referida obra:

"A vasta superficie que, por um exame geographico do nosso paiz, se conhece ter sido avassalada pelo tupy, não póde, de modo algum, ser attribuida á *força de expansão, propria da raça primitiva*, que dominava no litoral e em grande parte do interior, ao tempo do descobrimento pelos portuguezes".

"Vastissima, na verdade, era a região *por onde dominou a lingua tupy* no novo continente; no Brasil, porém, deve-se a sua mais notavel expansão aos proprios conquistadores europeus, ás numerosas *expedições* ou *bandeiras* que penetraram

nos sertões para descerem escravos indios e para pesquisa de ouro"...

Ouvindo-lhe o canto (ou vice-versa), Rocha Pombo, o maior colleccionador dos factos historicos nacionaes, atreveu-se a repetir a mesma invencionice que Theodoro Sampaio reproduziu de E. Goeldi (1).

Não é porém justo, nem se conforma com a deducção logica das controversias existentes a respeito, o asserto proferido pelo autor do "*O Tupy na Geographia Nacional*", homologado pelo Sr. Rocha Pombo que, apesar de prolixo, o não investigou...

Os *bandeirantes* paulistas, excellentes productos do sangue das 27 familias fidalgas portuguezas e de italianas (2) em fusão com o autóchtone *tupy* superior, de então, intelligentes, fortes, audazes, incansaveis e sadios, se aprendiam a lingua *tupy*, para penetrar os sertões do sul e do norte, era porque sabiam ser essa lingua universalmente falada pelos selvagens, no Brasil inteiro e terras limitrophes.

Ao contrario, outra lingua barbara seria por

(1) "Historia Brasileira", Rocha Pombo, pag. 351, vol. II

(2) "Povoação do Brasil", Silvestre Rebello, Tomo XLV, Parte II, pagina 372, — "Revista T. Inst. Hist. do Brasil".

elles estudada... qualquer criança terá esse raciocinio...

O jesuita, por sua vez, conhecedor dos motivos que forçavam ao *bandeirante* a necessidade do estudo da lingua *tupy,* estudou-a tambem e, grammaticalizando-a, cultivou-a, creando-lhe doces neologismos taes como *curuçá* — cruz, *tupy* e *curuzú* — cruz, *guarany,* precisos á propaganda da fé catholica entre os aborigenes.

Não foram, pois, nem o *bandeirante* paulista (tambem houve o paráense) nem o jesuita, os que dilataram as fronteiras da lingua *tupy,* nas terras da America, mas o proprio selvagem, que era nomade e aventureiro...

E' bem possivel que o Sr. Theodoro Sampaio se deixasse levar, gostosamente, pelo pensamento assás gentil e erroneo do Dr. Emilio A. Goeldi que, sem-cerimoniosamente, ousou affirmar:

"Os missionarios, sobretudo, a companhia de Jesus, arvoraram o dialecto de seus amigos paulistas em lingua official, em lingua de Estado, e levaram-n'a por toda parte, introduzindo-a até entre os indios de origem bem diversa e em regiões onde o Tupy era antes desconhecido".

O "Tupy-Guarany", ou "Lingua-Geral", é a sua obra, não sómente em sua vastissima distribuição sobre a Sul-America cisandina, como em

certo gráo no seu proprio "genio", no seu caracter peculiar e intimo" (3).

Das asserções de Goeldi apenas procede, por ser verdadeira, a que attribue aos jesuitas o terem tornado escripta a lingua *tupy-guarany* (que é uma só) que, até então era apenas falada! E grapharam-n'a por euphonia, segundo as vozes, buscando correspondentes em suas linguas portugueza e hespanhola, dahi a differença entre o *Guarany* de Montoya e o *Tupy* de L. Figueira. O padre João Aspilcueta Navarro foi o primeiro jesuita que se fez conhecedor emerito da lingua *tupy* vertendo para ella várias orações e o cathecismo. Outro jesuita, o venerando José Anchieta, a grammaticalizou, e lhe escreveu o numeroso vocabulario (4).

Esses factos levaram os pernosticos, ignorantes da philosophia da historia patria, a affirmar que a lingua *tupy* é obra exclusiva dos jesuitas!...

A tupyphobia de Goeldi foi uma lesão mental do illustre zoologo, desviado em tão má hora, de seus estudos especiaes para um desastre ethnographico.

---

(3) "Boletim do Museu Paráense", n. 4, Des. 1898, Vol. II, paginas 400 a 417.

(4) "Chronica da Companhia de Jesu", 48 e 156, Padre Simão de Vasconcellos.

A' palavra tremula de Goeldi, opponho o verbo fulgurante de Charles F. Hartt, que, no seu peregrinar pelo baixo Amazonas, em estudos da geologia do Pará, teve necessidade de aprender a lingua *tupy* para se entender com os selvagens da serra Ererê (Monte Alegre) e assim confessou: "Tenho feito muito empenho em aprender a lingua geral e colher informações sobre os indigenas do Brasil".

Ha uma idéa aqui do Amazonas, mesmo entre os indios, "*que a lingua geral foi inventada pelos jesuitas*"...

"E' muito falsa, a lingua geral é muito semelhante ao *guarany,* e tem a mesma origem".

"A lingua tupy tem soffrido uma mudança grande pelo contacto com o Christianismo e a civilização". "A lingua geral *é uma lingua indigena muito antiga* e é incorrecta a idéa que os jesuitas della fizeram" (5).

Hartt, em 1870, proclamou a necessidade de se falar o *nheêngatu* no baixo Amazonas e eu affirmo que, ainda hoje, quem for ao Ererê, no valle do Amazonas, notará que a mesma necessidade existe no interior da Amazonia, onde o *tupy* su-

---

(5) "Geologia do Pará", Ch. Hartt. — "Boletim do Museu Paráense", n. 3, Vol. I, Junho, 1896, paginas 270 a 271.

perior é uma lingua viva. Ha tres dias de viagem de Belém, nos rios Guamá e Capim fala-se o *tupy*, como no Gurupy, no Tocantins, no Moyú e outros rios vizinhos da metropole da Amazonia. O padre Antonio Vieira falou no Maranhão e no Pará, onde chegou a 5 de Outubro de 1653, o *tupy* que aprendeu na Bahia (onde se ordenou), sendo entendido e acclamado pelos *tupynambás, caetés* e até pelos *nheengaivas* (marajoáras) que, por serem de origem *carahyba*, falavam mal o *tupy*, ou melhor: o nheengaivavam.

Nascida dos labios do troglodyta brasileiro, como a *quichua* do peruano, é ainda a lingua *tupy*, irmã do quichua, o tronco principal de todas as linguas americanas, do Sul.

Sua expansão não se limitou, porém, ás terras continentaes. Com o homem, galgou a Asia e, fugindo aos gelos polares da Siberia, buscou, guiada sempre pelas montanhas maritimas, que foram a bussola pétrea das grandes migrações dos povos prehistoricos americanos, ás glébas chinezas e japonezas, escalou as montanhas do Thibet, rumando, através de Pamir, da Mesopotamia, da Arabia, até ao Egypto, onde se fixou...muito antes de "Adão e Eva"...

Esta é a minha convicção, facil de provar (o que farei no estudo, documentado, das primeiras

migrações americanas á Asia), authenticando-a com os nomes *quichua tupyeta* dos accidentes geographicos que assignalam, indelevelmente, no mappa-mundi, os rastros pre-historicos das linguas *quichua-tupy*.

LOGICA SELVAGEM

Quem percorrer a Amazonia, estudando-lhe, mesmo com os olhos leigos, o facies physionomico, flóra e fauna, desde a orla maritima, que se espreguiça aurea das ribas do Gurupy ao Oyapoc, ao seu incommensuravel rendilhado de arterias potamicas terá, em face dos nomes tupys magnificamente ligados aos relevos e reentrancias geographicas, aos animaes e as plantas, a certeza de que os primitivos habitantes destas terras e destes mares eram homens dotados de invulgar intelligencia e senso logico impeccavel, tal é a justeza que se observa na nominação das coisas.

Partidario do polygenismo, sem acceitar todavia o transformismo, sou, desde algum tempo, um curioso estudante do autóchtone americano.

E as pesquisas feitas, cada vez mais, me robustecem na theoria do Dr. Lund, Agassiz e Paulo Broca.

Os exemplos que se vão ler, neste trabalho, detalham, ao nú, a feição racica e a alma do autóchtone americano, especialmente do *paraba* (homem do Pará) que é o mesmo que se dizer: homem do mar, ou ainda: filho das aguas.

Começarei o meu estudo pelos arredores de Belém, que é a metropole da Amazonia — o eterno oasis do mundo.

Guajará é o nome dado á linda bahia e ao rio que estreitam, num amplexo perenne, a cidade de Santa Maria de Belém, feliz herdeira da bondosa Senhora das Graças...

O que exprimirá esse vocabulo tupy?

Guajará compõe-se de *gua* — campo e *yára* — senhor ou senhora, duende "amphibio" da mythologia amazonica, podendo-se dizer, garantido pelas immunidades etymologicas, que *guajará* traduz: *campo das yáras.* Com a civilização e o fluir do tempo, as *yáras* sumiram-se, na penumbra da lenda, para surgirem, transfiguradas, nas melindrosas das ruas, dos salões, das praias, dos jardins, dos bosques, das vivendas de Belém, encantadoras, fascinantes e pussangueiras como aquellas visões mysteriosas que, ha seculos, tonalisavam dê maravilhoso encanto as crespas aguas guajarinas

Arapiranga é o nome de uma formosa ilha do rio Pará, locada em torrão elevado perto de Be-

lém, um pouco além, descendo, da Ilha das Onças, e fronteira á bahia de Marajó.

Arapiranga vem de *ára* dia, luz, claridade e *piranga*, encarnado.

De facto, quem apreciar da bahia de Marajó, á acção pinturesca do sol, as barreiras vermelhas do *Arapiranga* terá a mesma illusão que emocionou o selvagem, de que ali o dia desabrocha e segue pela manhã afóra phantasiado de encarnado, illuminado e lindo.

A pequenina ilha *Tatuóca* que, por ser tão minuscula, foi pelos tupynambás (parentes dos tupys), chamada ironicamente: *casa de tatú*.

Utinga, a fonte que abastece Belém, de *u* ou *yg* — agua e *tinga* branco ou branca — agua limpa, branca, crystallina, potavel.

Em Breves ha um trecho de rio ou *paraná* (semelhante ao rio canal), varrido por uma constante ventilação fresca.

Em viagem, por ali, vim então a saber, do pratico em serviço, que sulcavamos o *Itúquára*, que vem de *uitú* — vento e *quára* — buraco.

Não se poderia pôr, a esse rio, nome mais adequado: *buraco de vento*.

Quem desce de Chaves, buscando montar a respeitavel Ponta do Maguary, bordejando no verão entre a agitada contra-costa marajóara e as ilhas da Caviana e Mexiana soffre pedacinhos que

anhangá engeita até que, chegando ao rio Ganhoão, felizmente, deslisa, abrigado num formoso e placido caminho chamado *ypuanpé*. *Ypuan* — ilha e *pé* caminho; isto é, *caminho entre ilhas*.

Os autóchtones tupys chamavam aos rios caminhos de canôa: *Igára* — canôa e *pé* caminho.

Em Macapá ha um sitio á margem dum pequeno rio que se chama *Curyaú* assim nominado pelos *Tucuyús* ou *Aruans* da região pela uberdade prodigiosa dessas terras: *Curyaú* vem de *cury* — futuro e *aú* formula synthetica de *uassú* — grande, como *ay* ou simplesmente *y* é de *miry* — pequeno.

Esse sitio, localizado nas visinhanças da cidade Macapá, é uma colonia agricola de creoulos que produzem farinha, arroz, milho e legumes, nas terras do *Grande futuro*.

Dentro do Oyapoc, na margem esquerda (franceza) ha um igarapé chamado *Pinoc*, cuja etymologia Henri Condreau traduziu:

Pino — cauman bacaba e *oca* — maison e eu direi *Pindó* — palmeira e *óca* casa: *Càsa das Palmeiras*.

Esse igarapé é densamente arborizado de bacabeiras, assahyseiros e patauazeiros.

Foi esse pequeno curso dagua que me revelou a ethymologia do vocabulo *oyapoc*.

rei-e

Lembrei-me de que os selvagens *oyampis* do ramo tupy, haviam sido os primeiros habitantes do *Oyapoc*, e ligando, por força de analogia, *oyampis* á *óca* achei que o rio Vicente Pinson fôra, autóchtonemente, nominado *Oyampóca*, isto é, *casa de oyampis*, e por essa razão o vocabulo *oyapoc* não deve ter aquelle *k cabuloso*, com que o mimoseiam os caturras e bufões das letras...

E' erro crasso escrever-se *Oyapock* (com K).

Na costa de Viseu ha um outeiro chamado *Itácupim*: de *itá* — pedra e *cupim*: *cupim de pedra*.

Essa esbelta saliencia tellurica se parece, admiravelmente, com uma casa de cupim, em ponto gigantesco, dessas que se erguem nas chapadas desertas dos sertões.

Dentro do rio Gurupy ha uma cachoeira perigosa com o nome de *Itamáuary*, que nomina tambem um antigo mocambo de escravos, fugidos do Maranhão, descobridores das minas de ouro desse lindeiro.

Itamáuary vem de *itá* — pedra e *máuary* maguary; *maguary de pedra*.

Ha, no salto principal da cachoeira, uma pedra que recorda a figura de um maguary.

Na fauna temos *tapyr* — anta e por isso os selvagens chamaram ao gado vaccum — *tapyr-áca*,

isto é, anta de chifre, porque *áca* é chifre e o tapyr é o maior quadrupede da nossa fauna.

Cuanboia, cobra venenosa, de *ypuan* — ilha e *boia* cobra: *cobra da ilha*.

Timucú é o nome dado no Pará, especialmente da Vigia de Nazareth ao Gurupy, ao peixe-agulha do nordeste e sul do Brasil.

Timucú provem de *ti* ou *tim* — nariz, bico e *mucú* — comprido.

Piranha: de *pirá,* vocabulo que genericamente exprime peixe e *anha* dente: *peixe dentudo,* e senhor duma voracidade insaciavel.

Yurúpiranga: de *yurú* — bocca e *piranga* encarnada ou encarnado — excellente peixe do Pará.

Guryjuba: de *gury* — bagre e *yúba* amarello como se diz *gurytinga*: bagre branco que o vulgo chama *uritinga*.

No Rio e no nordeste até mesmo os jornaes, costumam chamar *gury* aos meninos.

Se querem recordar a lingua geral do Brasil neolithico porque não empregam *curumi, curumin* ou *cauréray?*

E' que o brasileiro foge dos estudos brasileiros e enoja-se da lingua mater!

Uiratatá, passaro muito conhecido nos sertões do Guamá e Gurupy, esbelto, cor de brasa, cujas pennas são utilisadas na siririca ao tucunaré.

Uiratatá vem de *uirá* ou *guirá*, que genericamente significa passaro e *tatá* — fogo.

Logo, *uiratatá* exprime: *passaro de fogo*.

Aposto em como se o nosso selvagem actual visse um hydroplano de guerra vomitando bombas explosivas exclamaria: *uiratatá-uassú*: *grande passaro de fogo*.

Já que falei em *tatá* não é fóra de proposito dizer que saindo do fogo a fumaça, o selvagem logicamente a chamou: *tatatinga* — *fogo branco*: como chamou ao barro branco *tabatinga*, nome de nossa fronteira com o Perú e de uma formosa serra que lindeia Minas Geraes de Goyaz.

Carúpirá de *cará* ou *carú* — gavião e *pirá* peixe

Quem desconhece esse agigantado devorador de peixes das praias e mupéuas do Salgado e face oriental do Marajó, no Pará?

Gaturamo: *uiray* decantada pelos poetas porque canta até morrer e morre ás vezes cantando.

E' vulgarmente conhecido por *tem-tem* pelos seus assobios omnomatopaicos, quando chama a femea.

Vem de *angá* — alma e *turama* da patria: *alma da patria!*

O autóchtone o chamou de voz da patria, tão bellas evocações emotivas encontrou no seu soberbo canto.

Com relação á flora, conheço vocabulos interessantissimos, evidentemente bem postos.

Começarei pelo *cipó* — cipó — que vem de *cy* mãe e *pó* mão: *mão de mãe*.

O selvagem o chamou assim ou porque as mães indigenas castigassem os *curumins* com essa trepadeira ou porque a mão materna lhes era tão firme como o cipó, que dura seculos nas paredes de taipa. Em Belem ha o exemplo do sobrado do Dr. Matheus Pereira, honrado escrivão dos feitos da fazenda, o qual foi demolido, havendo os operarios encontrado enlaçado ao acapú das paredes, forte e seguro, o *cipó titica*, tão firme como a *mão de mãe*.

Itaúba, excellente madeira de construcção, de *itá* — pedra e *úba* — madeira: *madeira consistente como a pedra*.

Ha muitas fructas cujos nomes quando não tem o vocabulo *aba* (homem) como prefixo o têm como suffixo o que, em nheêngatu, equivale á mesma coisa.

Entre elles ha: abacaxi, abacate aba + icó (abricó) ábá + io (abio) mangába, guabirába, bacaba, taperiabá (taperibá), quixabá (do nordeste) jaboticába ("paulistas", do Rio) goiába, etc.

Essas formulas indicam que eram fructas nominadas pelos tupys, as quaes o homem podia comer.

Apohy, de *apó* — raiz e *y*, formula synthetica de *miry*, — pequeno ou pequena.

Ygapó: de *yg* — agua e *apó* — raiz: *agua pela raiz*.

No igapó — varsea lateral dos rios ou depressões pluviaes "pyris" — a agua anda, nas enchentes, banhando as *apópemas* da flora *apópema*: de *apó* — raiz e *pema* — chato ou chata: *raiz chata* (em sentido vertical porque se fosse em horizontal seria *péua*).

Catuaba, vegetal nordestino, de *catú* — bom e *ába* — homem e parece ter a mesma propriedade era boa para o homem e o autóchtone paraense, que vem de *muirá* — arvore, tronco, madeira e *puãmã* — verbo levantar...

O selvagem cearense achava que a *catuába* era boa para o homem e o autóchtone paraense, imbuido dos mesmos conhecimentos botanicos, sabia que a *muirápuãma* dynamisava o homem para renovação da especie...

MANCO CAPAC JAPONEZ?!

Num estupendo surto de imaginação futurista ao serviço nebuloso de seu fecundo pensamento creador, o illustre Sr. Francisco A. Loaysa no seu interessante livro *"Manko Kapa"*, á pagina 99, expõe num mappa reduzidissimo, de escala ignorada, parte do Grande Oceano, com a Oceania, e parte da costa d'Asia desde a Malaca, costa da China, Japão, corda das Kuriles, Siberia, fileira das Aleutinas, costas da America do Norte, do Mexico, de Guetemala, São Salvador, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá, até a do Perú, onde faz assignalar, com uma séta victoriosa, o porto de Arica.

Tentado por uma presumpção falsa, o illustre escriptor peruano, consul de sua patria no Amazonas, tomou do lapis e abriu o mappa-mundi e partiu, "heroicamente naufragado", de Yedo, ali no Japão, oceano a dentro, e afastando-se no rumo

do nordeste tracejou, declinando depois a E., uma maravilhosa parabola que, avizinhando-se das Aleutinas, e da Baixa California, atravessou, gymnasialmente, o Equador, "cuja linha achou azul", e foi fechar, triumphalmente, a derrota no porto de Arica, no Perú.

Esse roteiro, que abrange perto de 150°, ou sejam 3.000 leguas, pretende o Sr. Loaysa tenha sido viajado PELO PESCADOR JAPONEZ "MANKO KAPA", que, em 1114, da E. Christã, acompanhado de sua formosa irmã MAMA COYA, indo á pesca, a poucas milhas de Yedo, certamente no junco "*Loaysatéque*", foi empolgado e arrastado pela corrente maritima KURO SIWO que, deshumanamente, depois de longos mezes, de *babue* sobre as aguas, os jogou ás praias de Arica, nos dominios dos feudatarios CHIMÚS.

Chegados a Arica, do mesmo modo porque, em 1503, o fidalgo minhôto Diogo Alvares apraiou á costa da Bahia, no Brasil, MANCO CAPAC não precisou de mosquete para amedrontar os autóchtones, como CARIUAMURÚ (o homem-espinho) e munido duma garnde barra de ouro buscou, como Moysés, a terra promettida — Cuzcu...

Essa miraculosa viagem concebeu-a o Senhor Loaysa inspirado nos naufragios dos juncos de pesca e navios japonezes que, arrebatados pelo KURO SIWO, desarvorados e desgovernados, che-

garam alguns a dar á costa da California, na America do Norte. E' preciso notar-se que essa foi, a maxima extensão geographica das praias de salvamento, na America, aos naufragos japonezes, desgarrados pela força dessa formidavel corrente negra.

Exemplificando, o Sr. Loaysa (fls. 103) diz que se achava no Japão quando, em 1913, uma barca de pesca japoneza, com seus tripulantes, foi arrastada até as costas da California.

Eses facto foi publicado pela imprensa de Tokio e com assombro registrado na imprensa estadunidense.

Continuando, cita que no anno de 1873 o jornal *"Overland Monthly"*, de São Francisco, (California) dá a conhecer 50 casos iguaes (1) de aportagem de juncos japonezes de pesca naquella costa, no fluir dos ultimos noventa annos e todos sob a mesma influencia do KURO SIWO.

Cita outros naufragios, cujos destroços foram ter em Sitka (1805); nas ilhas da Rainha Carlota (1813); em Lahaina (Sandwich, em 1813); e nas praias do cabo Flaterry (1833). Lembra um caso occorrido em 1853 nas praias da ilha San Benito Baixa California, Mexico, e recorda mais dois; um na ilha Attou e outro na ilha Atkha (1871).

---

(1) Vide Cesar Cantu, pagina 316, vol. XII.

Estudadas, geographicamente, essas citações, verifica-se que os naufragios, nellas referidos, não obedeceram sómente a dynamica sinistra do KURO SIWO, taes são as posições dos pontos geographicos, como, ainda, que nem um caso exce-deu ao limite maximo: costa da California!

Assim estão Sitka (ilhas Baranoff); ilhas Rainha Carlota e cabo Flaterry, na America Septentrional, e as ilhas Attou e Atkha nas Aleutinas, que se interpõem entre o mar de Behring e o Grande Oceano.

Esses pontos ficam completamente deslocados do rumo das ilhas de Sandwich (onde tambem foi ter um junco japonez), que soffrem a acção da corrente negra com maior vehemencia do que aquelles.

Posta essa questão sob o *contrôle* dos estudos oceanologicos das correntes maritimas e dos ventos, que dominam o Grande Oceano, vê-se que a lenda do Sr. Loaysa naufragou *ad semper* nas entranhas calidas da famosa KURO SIWO...

Qualquer barco entregue, impotente, aos caprichos da FLEUVE NOIR, arrebatado ás costas do Japão póde, quando muito, chegar ás praias da Baixa California porque só até ahi chega essa corrente negra, que retorna ao ponto inicial sob o tropico de cancer, na ponta meridional da ilha Formosa.

Ainda que os ventos, "por camaradagem", a impellissem para o sul, o phantastico junco "*Loaysatéque*", seria repellido cinco gráos (5°) antes do Equador pela CONTRA-CORRENTE EQUATORIAL...

Ha ainda, em opposição ao pensamento agigantado do illustre escriptor peruano, a CALMARIA reinante nas vizinhanças do Equador, a qual se dilata de mais de dois gráos (2°) para cada hemispherio...

Os obices não páram ahi. Transposta a linha, as CORRENTES EQUATORIAL DO SUL e PERUVIANA DE HUMBOLDT que se dirigem de S. a N. e de E. a O. se encarregariam de levar as reliquias do "*Loaysatéque*" ás praias da Oceania a E. da N. Zelandia ou da N. Guiné...

A prova philologica ou melhor semantica, da semelhança perfeita entre muitos vocabulos japonezes e quichuas PROCEDE, E' BOA, E' CONVINCENTE, mas com outros fundamentos...

As linguas americanas primitivas mesclaram-se com os dialectos asiaticos (a quando das grandes migrações americanas, por terra para a Asia), gerando o ramo SCITHA-MONGOL, a lingua dos TURANIANOS e essa influencia poderosa se expandiu, como a luz, até a Arabia, Thibet, Pamir e Egypto, Nilo acima...

Provada a impossibilidade dos naufragos japonezes, arrastados pela KURO SIWO, se salvarem nas praias de Arica 50° ao sul da Baixa California, dispenso-me de adduzir outros argumentos secundarios de que posso lançar mão, incontinenti, para demonstrar a remotissima civilização da costa peruana preincaoára desde 4° até 5° de latitude sul, além Arica (2) nessa facha de terra nascida do mar, de formação post-andina, limitada pela Cordilheira Maritima e o Pacifico.

Que o escriptor formule banalidades fantasticas, attrahentes e engenhosas, na seára das artes, da poesia, da religião e da literatura, como acaba de fazer o ideologo-pratico Sr. Monteiro Lobato, no "*O Choque*", no intuito de "cavar" dinheiro nos centros YANKIS... supporta-se, mas o que é inacceitavel e constitue um delicto historico-scientifico é usar-se da imaginação como fez o Sr. Loaysa que, jogando grosseira e mutilantemente, alguns vocabulos japonezes e quichuas e amparando-se na KURO SIWO pretendeu demo-

(2) ARICA, é um vocabulo quichua: vem de **ari** — sim e **ca** — pois e significa: pois sim! Esse vocabulo irradiou até as terras da Guyana Oriental (Brasileira), onde o vemos denominando a Comarca de Montenegro; no Pará, a qual se chama **Arica — ry.** O suffixo **ry,** tambem quichua, significa: pois, então; expressando **Arica**: pois sim, então!... Aliás as vozes **ari** e **ry,** tambem usadas no tupy, possuem nesta lingua significado differente. Isso prova as migrações peruanas para a Amazonia e a intimidade das relações glotticas entre o tupy superior e o quichua.

Pode tambem significar: **matto cahido,** de **ari:** cahido e **caá:** matto, em neêngatú. Jorge Hurley.

lir a verdade lendaria peruana de MANCO CAPAC, creando, em torno do mesmo personagem, uma outra lenda ainda mais difficil de ser acreditada...

O Sr. Loaysa, desrespeitando a lenda, fére de morte a Historia da Humanidade, cuja origem na lenda se fundamenta.

Ultimando este trabalho, devo esclarecer que essa historia de MANCO CAPAC TER SIDO JAPONEZ, padece da falta de originalidade... (3). E' a repetição, mais ou menos, da mesmissima lenda referida por Miguel Cabello Balbôa na sua *"MISCELANEA AUSTRAL"*, acêrca do caudilho NAYMLAP, e sua mulher CETERNI vindos do norte, em épocas inmemoriaes, numa grande frota e com um numeroso sequito, que justificam, lendariamente, a alta civilização préincaóara dos CHIMUS LAMBAYEQUES, COLLAS e alliados...

Como escriptor é, incontestavelmente, o Sr. Francisco A. Loaysa suave, como um sonho; espontaneo, como a preguiça; agradavel, como a lisonja e surprehendente como a fortuna mas, como lendologo se affirma, pujantemente, um insigne desastrado...

(3) Vide Cesar Cantu, pagina 319, in fine, e 320, volume XII.

OS CUNHÃMENAS

Complexos e surprehendentes foram os meios empregados pelo Amor no caldeiamento da raça autóchtone da Amazonia.

As primeiras sementes espasmodicas lançadas, á antiga, a essa fusão, nos vieram de Portugal e a "gleba" onde ellas cairam e germinaram foi o seio ubere da mulher selvagem, que é a Mãe Brasileira por excellencia e era a Eva fascinante, ardente, e fecunda do exuberante "Paraiso Verde", de Raymundo Moraes.

Na Amazonia —. o quinto Imperio do mundo, na concepção prophetica do padre Antonio Vieira — que poderei dizer, pela submissão governamental e pela semelhança do clima, da flóra, da fauna e dos costumes selvagens, comprehendia o Maranhão, o Pará e Rio Negro, esse cruzamento obedeceu mais aos impulsos physiologicos da carne voluptuosa e abrasante, estimulada pelo ambiente,

que á orientação administrativa do governo da metropole.

A historia da formação da raça amazoniense, ainda em ebulição, que constitue o melhor e o mais perfeito typo uniforme da nossa nacionalidade, é interessantissima.

Na caldeiamento directo do lusitano com a mulher autóchtone, os *cunhámenas* representam um papel importantissimo.

Pensando enriquecer e sob as torturantes tentações de Cupido, os *cunhãmenas* subiam o Amazonas vencendo mil perigos e obstaculos a serviço de seus interesses e, inconscientemente, ao serviço do Amor...

Carregados de missangas e quinquilharias canalhas, que tanto enfeitiçam ainda hoje a mulher, esses satyros barganhavam nas tabas ribeirinhas, em escambo de réles ninharias, as virgens mais bellas e ali mesmo, ao som nostalgico dos *tembétás* e sob as ruidosas acclamações da tribu ludibriada, firmados na farsa pungente de casamentos ficticios, as sacrificavam, insaciaveis e cápros, sob o perfume pantheista da floresta, na consummação de nupcias pagãs...

Cada *cunhãmena* possuia seu harem, que era uma verdadeira officina de mamelucos, na qual se viam até vinte caboclas lindas — pasto appetitoso e farto de um só feliz reproductor de raça

branca. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquez de Pombal, quando capitão general do Pará, baixou um rigoroso bando (Decreto) de repressão á pratica do *cunhãmenismo*, estatuindo as seguintes penalidades: aos nobres: pena de degrêdo por dez annos em Angola e aos "mecanicos" (plebeus): "cinco annos de galés", na cidade de Lisboa — Correspondencia dos Governadores do Pará com a Metropole, dec. n. 113, pag. 198 dos Ann. da Bib. e Arch. Pub. do Pará, vol. III.

Cunhãmena é um vocabulo da lingua tupy. Puro e composto de *cunhã* — moça e *mendar* casamento ou *menu* — amplexo sexual.

A quando da posse lusitana ás terras da Amazonia, no seculo XVI da E. C., esse vocabulo esteve muito em voga, alçado á categoria de espantalho, desde as aldeias remotas do Rio Negro ás praias poeticas da bahia de São Marcos, no Maranhão.

Os *cunhãmenas* eram aventureiros brancos ou mestiços que faziam fortuna com o braço do autóchtone e viviam á custa da honra e do trabalho das mulheres selvagens.

Faziam fortuna, sim, porque os conquistadores sempre vieram para o Brasil e capitanias do Maranhão e Grão Pará, inclusve Rio Negro (que comprehendia todo o actual Estado do Amazonas

até os limites com os dominios hespanhoes) com as mãos afiadas em garras aduncas e com os olhos illuminados de desmarcada ganancia...

Seus bolsos, insondaveis e literalmente cheios de uma miseria extrema, reclamavam dinheiro e o dinheiro (representado em cacau e rolos de panno de algodão) que havia na Amazonia era proveniente, exclusivamente, do trabalho braçal do selvagem. Nada mais faziam, é certo, esse degradados felizes, transformados em senhores afidalgados, que por aqui pairavam, sacudidos pelas sentenças régias e judiciarias da metropole, do que repetir a hstoria que seus compatricios, desde um seculo atraz, vinham escrevendo, nos sertões e campinas das capitanias do sul e nas charnécas e rechãs e agrestes *m*, nordeste.

O *cunhãmenãm*cca uma formula archaica (classica talvez) do caften avoengo — o seductor das formosas *cunhãmacús* dos nossos odorificos caétés sombrios.

Os caftens vão á Polonia, á Russia e a outros paizes de policia negativa, arrebatar, da pobreza honrada de seus lares camponios, sob o disfarce acceitavel do casamento, as jovens mulheres brancas, para atiral-as longe da patria e da familia, á miseria de uma libertinagem vil, nos grandes centros de civilização cosmopolita como Paris, Londres, Nova-York, Buenos Aires, Rio e S. Paulo.

Parasita externo da escrava branca, o caften lhe exhaure a ultima moeda de seus amores forçados...

Similar desse typo abjecto, que a policia costuma enxotar por indesejavel, o *cunhãmena* cevava-se nas primicias de amor das virgens selvagens, que logo escravisava, para lhes extorquir durante o resto da vida a labor de suas energias productoras no cultivo de grandes róças e serviços domesticos.

Seus harens, eram pontos de attracção irresistiveis aos "indios" ingenuos que uma vez unindo-se a uma dessas lindas escravas, escravos ficavam tambem, dos *cunhãmenas*.

A formação ethnogenica dum povo tem, por vezes, surpresas interessantes de apparencias amoraes.

Essa é a feição antipathica cum que se me apresenta, na historia colonial da Amazonia, o *cunhãmena*.

Entretanto, se eu o fosse julgar hoje, decorridos dois seculos, o absolveria porque esse magnifico reproductor ariano é o adoravel "inventor" da mameluca, da curibóca e da mulata...

OS HISTRIÕES DA PREHISTORIA

Schwehnhagen, Frot e Alfredo dos Anjos

Eis ahi, para a piedosa contemplação do povo brasileiro, uma trindade digna dum museu de raridades "scientificas". O primeiro, austriaco de nascimento, é conhecidissimo nas caatingas do nordeste e caétés do norte do Brasil, pelas suas maravilhosas "descobertas" archeologicas e ethnographicas e por outros dotes não menos curiosos.

O segundo, não obstante estar entranhado nos sertões brasileiros, "ha mais de trinta annos, em pesquizas archeologicas", é para mim um "sabio" desconhecido.

Seu nome surge agora nas letras patrias lançado pelo naturalista lusitano Alfredo dos Anjos, que apparece atacado de pheniciomania, venden-

do pataca e meia de coisas sertanejas, confessadamente filadas ao archivo do famoso Dr. Frot, o maior dos tres.

O venerando Dr. Frot, cidadão francez, apaixonado decifrador de hieroglyphos e signaes ideographicos dispersos nas paredes das cavernas troglodytas das montanhas de Matto Grosso, Minas, Goyaz e Bahia.

Schwennhagen publicou, na *Imprensa Official* de Therezina, em 1928, um monstruoso livro intitulado *Antiga Historia do Brasil,* propondo-se, semcerimoniosamente, a narrar factos historicos "occorridos" no Brasil de 1.100 A. de Christo até 1.500 depois!

Conheço esse livro porque o assombroso historiographo, attendendo a um meu pedido, me enviou um exemplar.

Parece-me que a divisa desse novo Herodotoarãna é *audaces fortuna juvat*.

Mas a fortuna, tão amiga dos burros na mercancia, nesse terreno não o poderá, infelizmente, iauxiliar.

O intemerato austriaco, que tem coragem de mamar em onça, faz do interessante trabalho philologico do Dr. Henrique Onfroy de Thoron, que imaginou a vinda das frotas de Hiram de Tyro e do rei Salomão ao Rio Amazonas, em 993 e 960 A. de Christo, o primeiro capitulo do seu exqui-

sito livro. O conego Ulysses Pennafort, homem douto e de vastos conhecimentos glotticos, fundamentou tambem o seu "*Brasil Pre-Historico*", nesse engenhoso trabalho de Thoron.

Schwennhagen, seduzido pelo dogma do menor esforço, plagiou as idéas de Pennafort, que, por sua vez, se constituiu herdeiro das investigações de Thoron e do padre Brasseur de Bourbourg...

Essas theorias fátuas rolaram por terra em 1927, no dia em que as terras de Ophir foras rdescobertas, pelo commandante C. Crawford, da marinha ingleza, não no Yapurá, como as concebeu Thoron, mas onde exactamente deviam estar: nai Arabia, a quatrocentas milhas a éste do porto de Aden.

Não pretendo gastar meu tempo em commentar o livro de Schwennhagen, já porque a materia, mal indumentada que elle offerece aos leitores é velharia sufficientemente refutada noutros autores; já porque Schwennhagen está classificado entre os individuos *duvidosos* pelo Dr. S. Fróes de Abreu, no seu artigo *Archeologia e Fantasia*, publicado no "O Paiz", de 23 de Maio de 1928, sobre o trabalho *O segredo de Ubajára*, da lavra de Lodovico.

Nesse magnifico estudo, o Dr. Fróes desmascara Schwennhagen assim: "O artigo em questão

é um conglomerado de incoherencias, que merece uma contestação em beneficio das pessoas que lêem para se instruir, e não têm bastante descortino para desprezar o que não é veridico".

O erudito Dr. Fróes de Abreu, autoridade em archeologia, estudando as inscripções da Serra da Onça, acha que os desenhos ali existentes não têm a importancia que os fantasistas lhes attribuem.

São trabalhos dos nossos decadentes aborigenes ou dalgum estrangeiro e posteriores a Cabral.

Cogitando delles, o Dr. Fróes de Abreu firmou: "Todos os chamados vestigios da presença dos navegadores phenicios em nosso paiz, por emquanto não passam de fantasias creadas por gente sequiosa de glorias".

Neste ponto, estou de pleno accôrdo com o Dr. S. Fróes de Abreu. O Dr. Frot, segundo garante seu precursor, o naturalista portuguez Alfredo dos Anjos, é uma notabilidade de emmudecer os homens de sciencia.

Eis a sua interessante historia: O engenheiro Apolinario Frot, com o proposito de construir uma estrada de ferro, internou-se nos sertões bahianos, e, tendo contacto com os selvicolas, concebeu o insopitavel desejo de desvendar os mysterios daquelles centros, que fizeram a immortalidade de Euclydes da Cunha.

O Dr. Frot, apesar de seus 70 annos, continúa, á revelia de Voronoff, nas suas sabias pesquisas e já *"verificou que os carthaginezes, os phenicios e os egypcios estiveram na Bahia, 40.000 annos atrás!"*

O Sr. dos Anjos encontrou-se, em 1916, á porta de uma gruta, na serra das Araras, com o Dr. Frot, que sahia daquelle abysmo emquanto o outro entrava.

Já eram conhecidos e, vinculados pela pheniciomania, num relance, se fizeram socios... de cinema...

Até ahi tudo vae bem. Mas, o lendologo dos Anjos necessitava provar sua habilidade e por isso narrou a seguinte fabula:

"O Dr. Frot, tendo encontrado grande quantidade de hieroglyphos, no interior da Bahia, casou-se ahi com uma india da região, com o intuito de obter do cacique a chave da decifração dos idéogrammas. E obteve realmente".

Chave de hieroglyphos na memoria de um tucháua bahiano!

Essa declaração do Sr. dos Anjos feita pela "A Noite", do Rio, compromette, fundamentalmente, a reputação scientifica do Sr. Apolinario Frot que, se de facto a autorizou, não passa de um réles bufarinheiro da nossa prehistoria, como são

A ORGIA DOS SAPOS

(*Rio Guamá*)

Lá, do alto da ribanceira entronqueirada d'arvores mortas, na taba São José, sob os rumores affectuosos dos balbucios tremulos das aguas, madrigalando eternas endeixas sobre as pedras másculas da "Cachoeira Grande", no médio Guamá, eu assisti, ao declinar apparente de Helios, o primeiro repiquête da enchente desse rio.

Bella e empolgante perspectiva!

Não se accentuava ali, no volume dôce d'agua crescente, que corria apressada, a violencia tragica dos rios sertanejos do nordeste brasilico, os quaes se precipitam, numa voragem louca, para o mar, famintos de sal, invadindo, a quando da correria brusca de sua descida rapida e destruidora

povoações e roçados ribeirinhos, varseas e campinas proximas.

O rio Guamá não destróe. Accelerando a andadura de seu curso vae, pouco a pouco, imperceptivelmente, tufando a epiderme crystalina de sua face e engordando o volume cubico de suas aguas e enchendo, num derrame pródigo, os ygapós, os lagos e os pirys, toda a vez que transborda, aqui e acolá, pelas depressões marginaes e pelas comportas naturaes, que são os igarapés; logares onde os indigenas e os guamáoáras armam as caminas — esparrellas fluviaes, tecidas de uarumá e cipóuassú — que desarmando pescam as trahyras (traryras) e os mandubés saborosos.

Ha como que um despertar, revigorado, de forças e esperanças, em todos os habitantes, da aldeia, com a noticia consoladora, que célere se divulga, de que passaram murmurando, cantando e falando de uma vida nova, á fauna e á flora, e rescendendo ao humus fecundante que vae sendo depositado nas margens ubertosas do rio, as primeiras aguas do inverno.

E essa sensação de contentamento que o homem experimenta, se communica pela animalidade, em grão talvez mais elevado e mais vehemente, á saparia anonyma do rio.

Mal a noite humida se illumina, vagamente, de estrellas pallidas e indecisas, empanadas, aqui

e ali, pelas nuvens hybernaes, e a orgia dos sapos, consagrada ao Amor, o grande Deus da multiplicação das especies, se inicia num lyrico coaxar carinhoso, pela musica pagã dos batrachios, óra vibrando pelos bombardinos melodiosos dos "jués", ora soprando pelas ocarinas aflautinadas das "cutácas", e "cutáuas", submettidas á batuta do violoncello dos cururús pesados... que recebem de mau humor as pilherias burguezas dos "sunga-nennens", e não ligam importancia é eterna questão dos "foi não foi"...

E eu, deitado na minha tipoia, acobertado sob as palhas verdes de ubim da "tupuiza" amiga, cercado de tucháuas e de "caurérais", acocorados, ouvia, ansioso, dos mais expeditos, historias e lendas, remotas indumentadas em delicadas phantasias selvagens, que punham em relêvo "boiunas" e "uirapurús", "yáras" e "cunauarús"!...

E a noite escoava, vertiginosa, pela treva a dentro. Fóra da "tapuiza", a chuva, por vezes acossada pelo "uitú", açoitava as franças das arvores e as estepes verdes das palmeiras...

Nas margens fecundas do Guamá a extranha musica dos sapos dominava, percebendo-se, de longe em longe, pequenas pausas como que abrindo silencio ao vocabulo "cunan", cunan", "cunan" pronunciado auctoritaria e repetidamente, pelos imperiaes "cunauarús" feiticeiros, sapos pequeni-

nos e, se me consentem, a "classificação" — arboreos — d'olhos encarnados, da familia nobre das rãs, (sem comtudo possuir-lhes a algidez typica), a cujo numero parece tambem pertencerem as "cutáuas" e "cuticas", estes petiscos preciosos da garotada selvagem, nos amargos dias de crise...

Affirmam os "tembés" que o "cunauarú" é o Rei dos sapos. Quando elle canta a saparia toda, para lhe ouvir melhor a poderosa voz encantada, emmudece...

O "cunauarú", com seu desmarcado poder magico, está para os batrachios assim como o "uirapurú" está para as aves.

E' que esses pequenos animaes reconhecem, philosophicamente, um governo na sua propria especie e têm a noção natural e exacta da disciplina, postulado moral que institue a sociabilidade, entre elles e lhes regularisa a fraternidade.

O tucháua Germano, homem maduro, "casado" com quatro mulheres, de edades differentes, de 18 a 60, notando a minha admiração pela submissão da saparia ao "cunauarú", perguntou-me: "cariua" não tem papae grande?

Respondi-lhe affirmativamente. O papae grande ou "nerou-uassú" dos "tembés" é o Governo.

Pois então, concluiu: "tambem os sapos têm um sapo que os governa"...

E tudo no mundo, rematei eu — homens e féras, aguas e terras, estrellas, arvores e passaros — têm um só governo — Deus! — o Tupan de vocês!

Como que em approvação ás minhas palavras, clareou, das bandas do norte, um esplendido relampago, illuminando a pallidez de nossas physionomias, acompanhado de um trovão medonho...

Um silencio se fez... e os "tembés" baptisados ou não, ajoelhados, tinham as mãos e os olhos voltados para o céo...

Eu fiquei sensibilisado deante da attitude mystica e altamente religiosa dos selvagens e passada a hora do medo arrisquei:

— Que ha, capitão Travado?

— "Nada, cumpade doutô. E' o véio Tupana qui tá brabo... nem mêmo, repara doutô, os "cunauarú" cantá...

— Estão cançados... disse-lhe eu.

— "Não, cumpade doutô, não é isso! E' que até os sapos reconhecem o poder de Tupan, o poder do teu Deus!"

De facto, aquelle trovão violento, que, para os selvagens, era a voz de Deus, produzira um colapso na orgia dos sapos e então um silencio absoluto se fez, apenas profanado, de quando em quando, pelos silvos agudos das diabolicas surucucús de fogo...

A REVOLTA DAS TABAS

Yupatyra Porancy, o dôce idolo dos selvagens, surgiu nervosa e lésta das azas da escarpa de um rochedo, cabellos negros, soltos, fartos, afogando as espaduas bronseadas e retezando o arco, fincou o *taquara* no amago verde e vivo duma frondosa *tapyra-envira* dizendo:

Emquanto ali se mantiver aquella sétta luctaremos contra os *cariuas*, sejam bons ou sejam maus, até que *Nerôuassú* (governo) lembre-se que existimos; até que elle se lembre que somos os verdadeiros brasileiros e que ha quatro seculos, torturados no seio do *caá*, esperamos pelas caricias e pelo conforto paternal da civilização, a que temos direito; civilização que foi o sonho de ouro dos nossos irmãos que fizeram a Independencia e foi a ficção fulgida de D. Pedro 2.º, transformada em promessas e tentativas parciaes vãs e ridiculas, dos que se dizem patriotas, que fundaram a Repu-

blica em cujo governo se vão revesando, sempre chicoteados pela critica ferina e escandalosa de uma opposição flacida, sem nervos, impotente, e desmoralisada, que olha para a situação afflictiva do homem das selvas!

A aldeia estremeceu... De todas as *tapuysas*, os caboclos urrando de raiva, pelo despreso perpetuo a que estão reduzidos, empunhando as suas pesadas *muira-paraxanas*, rangindo os dentes ponteagudos e batendo o sólo com as plantas grossas dos pés nús, cercados dos *caurerarys, cutsetays, zauazás, kakuamons, cunhãmacús* e *mericós*, nús tambem, vencidos pela miseria, expostos ás intemperies, sahiram para a clareira da aldeia, logar onde se reunem os aborigenes nas festas dansantes, burlescas, do *taiaçú* (porco) e nas libações lascivas, pagãs, do *ariuaira*, promptos para combater...

Yupatyra (flor de Jupaty), *Porancy* (mãe da belleza ou da formosura) arisca como a pomba trocaz, desferindo a segunda setta, que atravessou o tronco de um *muirápazeiro*, balbuciou:

A nossa experiencia selvagem, quer nas emboscadas e surprezas em que abatemos o *tapyr*, o *arapuá* e a *inhambú*, quer em campo razo e aberto onde vencemos o terrivel *yaguareté* (tigre), fará, lado a lado, trespassar os *cariuas* que encon-

trarmos, como aquella flécha varou a arvore de muirapá...

Erêcatú (partamos)!... foi o vocabulo que, coado num gemido rouco de feras assanhadas, reboou da taba revoltada para a floresta, para o mundo civilisado e para o Céo!

O *tucháua* toma o *māracáuassú,* gira sobre os calcanhares tres vezes e saltando como o *maracayá* para frente, para traz, á direita e á esquerda, léve como uma pluma, no centro do circulo de guerreiros ululantes, de physionomias medonhas, faces retalhadas pelos espinhos, rudes, cabellos pretos, lisos, crescidos, revoltos, cahidos aos hos e bros, olha ao *yuáka* e geme profundamente numa surdina dorida, cujo echo se vae perder nas sombras frias do *caaété* e dá inicio ao *zaparathei* (baile) selvagem...

Yupatyra Porancy, rompe no primeiro intervallo, a linha dos guerreiros, approxima-se do *tucháua,* que é seu tio, ajoelha-se e recordando, com saudade, e lagrimas, os dias felizes de *cunhantan* em que esteve recolhida ao convento do Alto Alegre, nos sertões do Maranhão, mãos postas, olhar preso ao céo, implora a Deus, sua divina misericordia para a tribu dos *turyoáras*...

Ella não vê com bons olhos a fusão que *Yupaty Boiaberaba,* seu fallecido pae, antigo *tucháua,* fizera com os criminosos do Grajahú e com o ex-

trangeiro Jorge Almir, explorador de ouro dos igarapés da margem direita do Gurupy...

Sua tribu até então não delinquia... seus maiores peccados eram movidos contra a propriedade — direito que os *caábas* ainda não reconhecem; tudo o que possuem é commum, é propriedade da taba. Jamais haviam descido ao assassinio. O convivio dos criminosos e os seus maus conselhos perverteram os *turyoáras*...

Hoje, ella diz aos céos, nossa tribu recebeu o nome negro de *urubús*... estamos mal vistos no Pará e no Maranhão onde nascemos. Ha um pavor e um odio de morte contra nós...

Que remedio nos resta? — Supportar, com superior indifferença, essa atmosphera de chumbo... e augmentar o terror que já inspiramos... até que Deus, nos amparando, mostre aos dois governos (Pará e Maranhão) a necessidade de uma acção conjuncta para que seja separado de nossas *tabas* o "joio do trigo" e os *turyoáras* possam entrar para a sociedade brasileira, livres e purificados dessa civilização perniciosa que lhes vêm trazendo os criminosos... cujas tendencias nos vão comboiando, de tropelia em tropelia, para o abysmo...

Infelizmente, continúa *Porancy*, só temos um meio de noticiar ao mundo civilizado que existimos abandonados nas selvas — é o crime; são as

nossas barbaras incursões... são as sangueiras ferventes que desatamos sobre as terras sertanejas do Gurupy, sob o calor da canicula...

Esses delictos se repetem, annualmente, ferindo impiedosamente a Patria, para despertar o governo da Nação do profundo somno de imperturbavel indifferentismo em que, langorosamente, se immobilisa! Renovam-se para chamar a attenção do Congresso Federal para a vida miseravel e selvagem dos brasileiros das florestas: do brasileiro que vegeta como a flóra e que se irmanisa ás féras, na brutalidade inconsciente de seus actos, pelas caçadas, humanas...

Emquanto *Porancy* fazia sua oração, os *turyoáras* d'arcos descançados, acocorados, cabeça baixa sem nada comprehender, guardavam um silencio religioso.

Porancy ergue-se de um salto e voltando seu pequeno arco para o céo... brande-o... e a terceira setta sóbe... sóbe... perde-se-a de vista... e depois, alcançada pela lei da gravidade, vem, numa louca perpendicular, cahir, assobiando pelo crivo do tucum, pertinho do circulo dos *turys*, fincando-se, violentamente, no sólo.

Então *Yupatira* diz:

Nessa terceira setta eu quiz mostrar ao meu Deus, ao Deus dos christãos, até que ponto chegou a revolta das nossas tabas... mas, a maldade e a

perversidade humanas, representadas naquella *taquára* como nas balas dos maiores canhões não podem attingir aos céos...

Luctem, clamem junto aos homens, *turyoáras* mais valentes que os *yaguares*, que minha alma dentro em breve estará com Deus para velar por vocês, e tomando uma pequena *taquára* de massaranduba cravou-a, sorrindo, sobre o seio tumido a embeber-se no seu divino coração de moça...

E os guerreiros sellando os arcos com o sangue rubro e virgem de *Porancy*, partiram, afogueados, para as incursões sangrentas...

O HEROE DO AMAPA'

Reverente, deante do tumulo de Veiga Cabral, o "Cabralsinho", na attitude elevada do maximo respeito á sua gloriosa e honrada memoria, venho lançar aos olhos do paiz e principalmente ao dominio da opinião publica do Pará o meu extremado e alacre protesto, contra as torpesas infamantes contidas no livro "La Guyane des Ecoles", em allusão covarde ao valor patriotico do inesquecivel heroe do Amapá, livro da autoria de Paul Laporte, director d'école, officier de l'instruction publique — OUVRAGE RECONNU D'UTILITE' par le Conseil Général de la Guyane française — impressa em Paris em 1915, prefaciado por M. E. Gober, Maire de Cayena, e mandado adoptar em todas as escolas publicas da Guyana franceza!

Diz Laporte, pagina 28, sob o titulo GUET APENS DE MAPA:

"En mai 1895 se place un souvenir douloureux: celui du *guet apens* de Mapa, où sont tombés un capitaine et cinq soldats de l'infanterie de marine.

"Partis à bord de l'aviso de guerre *Bengali* pour aller réclamer la mise en liberté d'un nommé Trajane, qui s'était mis sous notre protection ou Territoire contesté, et que des sujets brésiliens retenaient prisonnier au village de Mapa, soixante hommes d'infanterie et quelques fusiliers marins sous le commandement du capitaine Lunier, ont été surpris par une TROUPE DE BANDITS BRÉSILIENS, auxquels ils ont dû livrer un combat acharné qui dura plus de deux heures. Nos soldats se sont fort bien conduits et leurs officiers se sont egalement signalés. L'enseigne de vaisseau d'Escrienne, qui a eu la mâchoire traversée par une balle, et le lieutenant Destoup, de l'infanterie de marine, se sont fait particulièrement remarquer par leur bravoure.

"Mais *Cabral,* LE CHEF DES BANDITS, a pur s'enfuir saint et sauf, au cours de l'engagement, laissant sur les lieux une soixantaine des siens tués ou blésser. (15 mai 1895).

"La France n'a pas cru devoir venger les malheureaux soldats qui ont trouvé la mort là-bas, dans des circonstances aussi tragiques.

"On a laissé a la diplomatie le soin de régler une affaire qui devait se vider par les armes. Et ce qu'il y a eu de plus triste comme épilogue â cette aventure, c'est que ce territoire, qui fut ainsi arrosé du sangué de nos soldats, nous a été enlevé par une sentence arbitrale qui l'a attribué á nos voisins.

"Toutefois, la population de Cayenne, que l'affront sanglant fait á la nation avait profundement émue, n'a pas voulu oublier les braves tués á Mapa; sur l'initiative d'une de ses maires, M. H. Ursleur, elle leur a élevé, par souscriptions publiques, un momment commémoratif au milieu du cimétière de la ville".

Os nossos historiadores guardando a serena friesa da verdade, são accordes em narrar a pagina sangrenta escripta na historia do Brasil pela canhoneira franceza *Bengali,* a 15 de Maio de 1895.

Diz Rocha Pombo, o mais fecundo escriptor da historia brasileira, paginas 166 e 167 vol. VI, fundando-se nos historiographos Padre Galante e Arthur Vianna:

"... A prisão de Trajano por Veiga Cabral, chefe do Governo que os brasileiros tinham organisado no Amapá, irritou de tal modo as autoridades de Cayenna que, sem esperar por ordem positiva da metropole, resolveram tomar desforço

contra o que julgavam affrontosa provocação por parte dos brasileiros.

"Mandou o Governador Charvein reconhecer a costa e sem mais tardança incumbiu o capitão Lunier de aggredir, com cento e tantos homens, na canhoneira *Bengali*, os brasileiros do Amapá. Deviam, segundo as instrucções, cercar a povoação durante a noite, e levar preso para Cayenna Cabral, juntamente com seus companheiros.

"Mas, devido á baixa da maré, o desembarque só se poude effectuar na manhã do dia 15 de Maio (1895). Embora apanhado de surpresa, Veiga Cabral, á frente de treze brasileiros e um norte-americano, resistiu por mais de duas horas, retirando-se afinal, para o matto visinho, tendo tido feridos, um dos quaes veio a fallecer alguns dias depois. Segundo a relação official franceza, seis dos aggressores foram mortos e vinte feridos contando-se entre os primeiros o capitão Lunier a quem Cabral arrancou da mão o revolver e matou com a propria arma no momento mesmo em que, apresentando-se inopinadamente, lhe dava o official francez, ordem de prisão.

"Entendendo os francezes que deviam vingar a morte de seu chefe, e punir a resistencia que tinham encontrado, incendiaram, diversas casas e foram até matar a baionetadas TRINTA E OITO HABITANTES INERMES, entre os quaes, além de

mulheres e creanças, se achavam velhos de 65 a 80 annos de edade. Feito isso, reembarcaram os aggressores, e na mesma tarde a *Bengali* desceu o rio regressando para Cayenna".

E foi o que exactamente se passou na villa do Amapá. Paul Laporte devia fazer um passeio ao Brasil para vêr como aqui, sob as auras livres e sinceras tangidas de norte a sul, de leste a oeste, pelo pannejar da bandeira brasileira, se escreve a historia tal qual ella é, sem paixões, sem vicios, sem injurias.

Veiga Cabral era a sentinella avançada da patria velando, heroica, desinteressadamente, pela integridade de sua soberania, alli, no borborinho, miscellanico dos aventureiros guyanezes, que se infiltravam, rapáces, pelos rios Calsoene, Cunany e Amapá, na ansia incontida e desmarcada de explorar os *placers* das minas nacionaes.

Foi, assim, arrebatado pelo nobre sentimento de defender a terra brasileira, que elle, aquella alma simples de grande patriota, a 27 de Dezembro de 1894, numa memoravel reunião de patriotas, sob a presidencia do Dr. Antonio Gonçalves Tocantins, organizou, de accordo com o povo amapáense, o Governo do Amapá.

Nessa reunião, foi eleito um triumvirato composto por Francisco Xavier da Veiga Cabral, Co-

nego Domingos Maltez e Desiderio Antonio Coelho, incumbido de zelar os interesses brasileiros no contestado. Já, a esse tempo, M. Chervein, creolo martiniquense, governador da Guyâna franceza, se havia aproveitado da vaidade criminosa do negro brasileiro Trajano, escravo fugido de Raymundo José Alves, que o adquirira de uma familia de Mocajuba, Pará, ha annos refugiado no alto Cunany, nomeando-o "capitão governador do Amapá", recebendo por isso, esse novo Calabar, certa quantia, do governo francez. Em 1895 Trajano, apesar do seu visivel desprestigio entre os brasileiros, recebeu o titulo de representante da França em Cunany.

De posse de suas novas funcções, Trajano começou a desenvolver feroz perseguição aos brasileiros e a proteger, excessivamente, aos creolos de Cayenna.

Veiga Cabral sabedor, por informações, officiaes, que Trajano, para se tornar agradavel ao governo de Cayenna, estava impondo violencias, aos brasileiros no rio Cunany, mandou, immediatamente, buscal-o para o Amapá onde o fez deter para averiguações.

Foi um acto bom, perfeitamente licito. Cabralsinho procurava castigar um negro brasileiro, impatriota, que, de parceria com o extrangeiro, visinho, procurava trair á patria concorrendo para

difficultar-nos as negociações diplomaticas do contestado.

Aliás, é muito notada, desde 1893, alli naquella região, principalmente no Oyapoc, a habilidade com que, impunemente, se exercita a attracção franceza.

Vi, na village São Jorge, selvagens nacionaes mettidos em fardêtas guyanezas com as divisas de capitão.

A seducção velludosa em que se deixou malhar o negro Trajano, que, pela ausencia de cultura, não conhecia os sentimentos do amor da patria, tambem captiva, illude e attrãe mais facilmente os nossos selvagens que alli vagueiam sem ter quem os ensine a ingressar para a civilização brasileira e lhes mostre que o seu paiz é o Brasil, esse collosso eternamente adormecido para os movimentos que lhe interessam intimamente e sempre acordado e vivaz para as festas e orgias estupendas, dispensaveis, nas quaes exgotta o seu ouro ao sabor prodigo das lufadas cariocas.

Não, Sr. Laporte, um heroe da historia brasileira não póde, pelo mesmo acto em que foi sagrado, ser considerado chefe de bandidos na pequena historia da Guyanna franceza. Emende a mão e concerte a linguagem á altura do cavalheirismo francez de Paris.

A FORTALEZA DE GURUPA'

A visita do Sr. Dr. Washington Luis ao norte, despertou grande alegria em todo o valle do Amazonas, já pelo interesse com que S. Ex., democraticamente, se informava do surprehendente, real, dessas inrivalisaveis terras verdes, apreciando-lhes a pintura flagrante na téla do *Na Planicie Amazonica,* de Raymundo Moraes, e na physionomia linda das paysagens, já porque, quando subia o grande mediterraneo brasileiro, saltou em Gurupá, onde, carinhosamente, rendeu as homenagens de seu culto ás ruinas da Fortaleza de Santo Antonio, ali existentes, que são o maior padrão de gloria do heroismo e tenacidade luso-brasileiros, na conquista das guyanas (oriental e occidental) e da Amazonia aos hollandezes, aos inglezes e aos francezes, que se tinham, intrusamente, apossado do Xingú ás terras do Orenoco.

A Fortaleza de Santo Antonio do Gurupá é um dos maiores monumentos historicos nacionaes. Sua historia é das mais brilhantes.

Esse poderoso motivo acaba de inspirar ao honrado estadista Dr. Dionysio Bentes, benemerito governador do Pará, a sua reconstrucção. Já o douto engenheiro Palma Muniz foi orçar as obras.

Muito antes dos portuguezes (1595), toda a Amazonia maritima, até ás glebas cultivadas do Cabo do Norte, no Pará, era conhecida dos corsarios francezes, que, sem tocar em ponto algum do Pará, exploravam a ilha da Trindade (Antilhas) e o Orenoco (1).

Em 1596 surgiu o explorador Laurece Keymis, preposto do sonhador Walter Ralegh, percorrendo o Amazonas, da fóz do Araguary ao Cabo do Norte, e correndo costa se foi rumo do Orenoco.

Em 1597, sob instrucções de Ralegh, Leonard Berrie, repetiu a mesma exploração de Keymis.

Ao mesmo tempo em que Caldeira Castello Branco, guiado por Charles des Veaux, chegava ao Pará, (1616), e lançava, no Presepio, a pedra fundamental, da cidade de Belém e o marco da posse portugueza, ás terras da Amazonia, os hol-

(1) "Memoire", Visconde do Rio Branco, 1898.

landezes levantavam, dentro do Amazonas, o forte Mariocay (2) em Gurupá que, com os de Nassau, Orange (3), Mandiutuba e Taurege, era o quinto que possuiam á margem do Rio Mar.

Os inglezes, capitaneados por Charles Leigh, occupam a margem esquerda do rio Oyapoc (*Oyampis* + *óca, tupy* = *Oyampóca,* casa de oyampis, selvagens dessa região, carahybas) e Robert Harcourt e Eduardo Harvey, mandatarios de Jacques I, da Inglaterra, iniciam a colonização da guyana brasileira, que exploram até ao Araguary.

Os hollandezes, antes da fundação de Belém, já movimentavam, sem coacção, o braço selvagem dos *aruans* e *tucuyús,* das costas de Macapá ao Xingú, no cultivo da canna de assucar e do tabaco, em *Maturu,* Xingú, margem direita, onde é hoje a villa Porto de Moz, protegidos pelo forte Orange e *Cuiaminá,* á margem esquerda, sob a guarda do Nassau, dez leguas rio acima (4).

A noticia da occupação da foz do Amazonas impressionou mal aos portuguezes, que abriram,

(2) Devia ser **Mairocá,** de **mair,** francezes, hollandezes ou inglezes e **óca,** casa — casa de mair, tupy.

(3) "Memoires au governement de la Confederation Suisse", Pag. 69, Barão do Rio Branco, 1899.

(4) "A Antiga Producção e Exportação do Pará", Manoel Barata, 1915, pag. 21, cap. VII.

immediatamente, lucta contra esses intrusos aventureiros.

A abordagem e o incendio, por Pedro Teixeira, em Agosto de 1616, de um navio hollandez, fundeado a quarenta leguas de Belém, foi o primeiro acto de hostilidade das armas luso-brasileiras.

Em 1623, Maciel Parente vae ao Amazonas, commandando soldados e selvagens e arraza o forte Mariocay, que os hollandezes tinham em Gurupá, e sobre suas ruinas edificou a Fortaleza de Santo Antonio, que deu origem á bella cidade de Gurupá, séde do municipio e comarca, paraenses, de egual nome.

O invicto Pedro Teixeira, — mais tarde o famoso bandeirante de Belém a Quito — depois de destruir os fortes hollandezes Mandiutuba (1625) e de tomar o Taurege (1629, Outubro), se achava á frente da Fortaleza de Gurupá, em fins de 1629, quando ali chegaram, de surpresa, dois navios inglezes em attitude hostil, com tropas, sob o commando do capitão Roger North, representante do duque de Buckingham, a quem o rei Jacques I fizera, doações das terras da foz do Amazonas ao Essequibo.

A Fortaleza de Gurupá acceitou o combate e travou-se, então, um formidavel duello de artilharia.

Roger tentou um desembarque, que lhe foi estrondosa derrota; perdendo, na praia, grande parte de seus soldados e, receioso duma abordagem selvagem, que sabia certa, suspendeu as vélas e desceu o Amazonas, indo refugiar-se na testa da mesopotamia delineada pelos rios Aneuerápucú (morcêgo comprido), onde está hoje a cidade Mazagânopolis e o Matapy (armadilha selvagem de pesca meúda), onde levantaram um forte conhecido dos luso-brasileiros, por *Felippe*. Este forte, retirada a artilharia, foi demolido a 1 de Maio de 1631, por Jacome Raymundo de Noronha, governador do Pará e Maranhão.

A guarnição ingleza, inclusive seu commandante o capitão Thomaz, cahiu prisioneira, do valente cabo de guerra Ayres de Souza Chichorro (5).

Em 1639 a Fortaleza de Santo Antonio de Gurupá repelle a ultima invasão hollandeza no Amazonas. Era commandante da Santo Antonio o capitão portuguez João Pereira Caceres que, vendo fundear proximo dessa fortificação um navio hollandez, armado de vinte canhões, sem se definir a que vinha, resolveu abordal-o (6).

---

(5) "Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará", volume IV, paginas 235 e 241.

(6) "Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará", volume IV, paginas 235 e 241.

Feita, á noite, essa abordagem, cobriram-se, mais uma vez, de glorias, as armas luso-brasileiras representadas pela pederneira, espada, taquára e o tacápe!

Em 1691 foi reconstruida a Fortaleza de Gurupá, passando a ser permanentemente occupada por um destacamento de vinte e cinco praças, com suas familias.

Outros reparos recebeu essa fortificação, em 1763 e 1764, os quaes ficaram por ultimar.

O conhecimento pleno da navegação do Amazonas, havia demonstrado o seu desvalor estrategico, taes eram os canaes que a evitavam.

Foi, então, relegada a um simples registro de *drogas* e *péssas* descidas do sertão, sendo ponto obrigatorio de aportagem das canôas que transitavam o Amazonas.

Em 1771, o governo do Pará reedificou-a, terminando esse serviço em 1774.

Dahi para cá, a Fortaleza de Santo Antonio de Gurupá não recebeu beneficio algum, estando reduzida a ruinas, resultantes de mais de um seculo de abandono e criminoso desprezo.

O ultimo facto historico a consagral-a ao amor dos brasileiros, amantes da historia patria, está escripto no prompto soccorro que prestou á Fortaleza de São José de Macapá, tomada a 31 de Maio de 1697, pelo marquez de Ferrolle, governador de

Cayenna, das mãos do capitão portuguez Manoel Pestana de Vasconcellos, que, covardemente, a entregou sem um disparo...

Sabedor desse desastre militar, o governador do Pará, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que a esse tempo se achava em Gurupá, ali organizou uma expedição de 160 soldados e 150 selvagens flecheiros, sob o commando de Francisco de Souza Fundão, que se fez de rumo á Macapá.

Receioso Albuquerque, da competencia e coragem de Fundão, fez seguir, logo após, um pequeno contingente de selvagens *aruans* e *curupás*, sob o commando de João Muniz de Mendonça que, em Macapá se reuniu ao grosso da tropa atacante.

A 28 de Junho, do mesmo anno, Fundão desembarcou e atacou a Fortaleza de Macapá, occupada pelos francezes, que responderam briosamente ao fogo. O grande historiographo paráense, Dr. Arthur Vianna, de saudosa memoria, assim descreveu o desfecho desse combate:

"O assalto ia fracassando porque o commandante tendo perdido alguns homens, mandou tocar a retirada, mas João Muniz bradou que a ordem era absurda e a tropa não podia retirar".

Essa solução deu ganho de causa aos luso-

brasileiros que, retomaram, heroicamente, a Fortaleza de Macapá (7).

Feito o esboço historioco da Fortaleza de Gurupá, resta dizer que ella foi tambem a bussola do inolvidavel bandeirante ANTONIO RAPOSO TAVARES, na sua orientação, de regresso, ás terras de São Paulo.

Repousava esse monumento primacial da conquista da Amazonia sob os factos gloriosos do seu passado quando, em 1651 (8) ali aportaram cincoenta e nove paulistas e alguns selvagens commandados pelo intrepido bandeirante ANTONIO RAPOSO TAVARES que, conquistando terras ao Brasil, guerreou desde os Andes e rechassado no Paraguay subira esse rio até suas nascentes, atravessando parte da Bolivia e dahi tomando o rio Madeira (9) por este desceu até lançar-se na vertigem do Amazonas aportando á Gurupá, onde foi recebido festivamente, pela tropa e povo. Dahi, orientado, rumou RAPOSO, através da floresta desconhecida, a São Paulo, onde chegou depois

(7) "Historia do Brasil", Roberto Southey, paginas 39 a 42, Tomo V.

(8) "Os Jesuitas no Grão Pará", J. Lucio de Azevedo, pag. 216.

(9) "Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus, no Estado do Maranhão", Padre João Fellippe Betendorf. — "Revista do Instituto Historico Brasileiro", volume LXXII.

de quasi um anno de penosissima travessia, com um terço apenas dos homens que levára.

Rocha Pombo não menciona a data desta bandeira, parecendo, todavia, querer, erradamente, collocal-a logo após ao anno de 1628.

Agora, o Sr. Washington Luis, inspeccionando aquellas ruinas sagradas, ligadas, historicamente, á época das conquistas venerandas dos *bandeirantes* paulistas, realçou-lhes o seu valor incontestavel e dessa visita surgiu a idéa de sua reconstrucção, concebida por S. Ex. o Sr. Dr. Dionysio Bentes que é, sem lisonja, um dos melhores governos republicanos que ha tido o Pará.

Oxalá lembre-se o Ministerio da Guerra de fazer o mesmo com a Fortaleza de Macapá, que tambem recorda feitos brilhantes da historia colonial da Amazonia!

INDICE



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura

